

R O S A

ROMANCE DE JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

EM ADAPTAÇÃO PARA TV DE ERICO CRAMER

12 CAPITULO

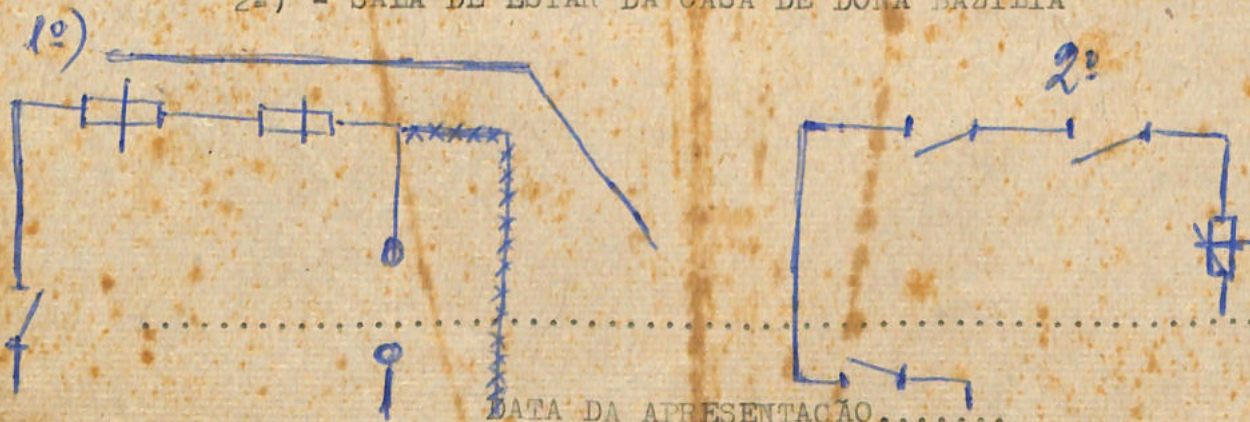
PERSONAGENS:

- ↓ MAURICIO - (pai de Rosa Velho)..... *N. Giamuca*
↓ COMENDADOR SANCHO - (velho janota)..... *Julio Cesar*
↓ ANASTACIO - (velho tambem)..... *S. C. Magalhães*
↓ FAUSTINO - (moço feito)..... *Paulo C/MAGNO*
↓ JUCA - (rapaz de vinte tres anos)..... *Gudy Emunds*
↓ ROSA - Moça de 20 anos)..... *Rosa Maria + Marlene*
↓ D.BAZÍLIA - (Senhora)..... *Juracy Pires*
↓ D.CLARA - (Moça quarentona)..... *Diana Maciel + Maria*

CENARIOS:

12) - SALA DE VISITAS DA CASA DE MAURÍCIO

22) - SALA DE ESTAR DA CASA DE DONA BAZÍLIA



DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: (Abertura)

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA EM DET. das mãos de MAURICIO,
oferecendo rapê numa boceta e finalmen
te servindo-se. As mãos de ANASTÁCIO
entram em quadro e servem-se de rapê.

OS DOIS COMEÇAM A ESPIRRAR, TRES OU QUATRO
VEZES SEGUIDAS.

AFASTAMENTO até P.A. de MAURICIO e ANAS
TÁCIO, vestidos à moda de 1830.

ANASTÁCIO - Mano Maurício, eu preciso
lhe falar sobre a sua filha.

MAURICIO - Sobre Rosinha?

ANASTÁCIO - É claro. Não me consta que
você tenha outra.

MAURICIO - A sua expressão é a de um
homem preocupado, mano Anastácio. Vamos
diga logo o que tem a dizer. Ela prati
cou mais alguma das suas peraltices?

ANASTÁCIO - Não, mano Maurício, antes,
fosse isso e eu não estaria aqui a fa
zer uma coisa que detesto e que é meter
-me na vida dos outros.

MAURICIO - Você começa a assustar-me,
mano!

ANASTÁCIO - Porque assustado também es
tou eu com as coisas que vejo aqui, diá
riamente.

MAURICIO - Pois então diga logo e não
fique aí a fazer guerra de nervos que é
muito pior. Que se passa com Rosinha?

ANASTÁCIO - Você já viu o orçamento que
ela fez para a sua toilette do próximo
baile?

MAURICIO - Confesso-lhe que olhei ape
nas por alto.

ANASTÁCIO - Mas viu o total, não viu?

MAURICIO - Vi, mas torno a confessar
que agora não me lembro.

ANASTÁCIO - Então é porque ele não o escandalizou, do contrário você não o teria esquecido.

MAURÍCIO - Mas por que, finalmente, haveria eu de escandalizar-me com o orçamento de um vestido para minha filha?

ANASTÁCIO - Porque ele está exagerado e você está acostumando sua filha a gastar mais do que deve. Bem sei que você é um homem que está em situação boa e que ela, futuramente, terá também o que é meu, que não é lá tão grande coisa mas sempre serve, mas a verdade é que a gente nunca sabe ao certo o dia de amanhã e nunca é demais preparar uma moça para viver com economia.

MAURÍCIO - Ora, mano, bem se vê que você viveu toda a sua vida no campo e não sabe as despesas que é obrigada a fazer uma moça que vive em sociedade. É por isso que você se admira e acha exageradas as suas contas.

CORTE

P.A. de SANCHO, na porta da Sala, muito bem vestido à moda da época e esforçando-se por parecer mais moço.

CORTE

P.A. de MAURÍCIO e ANASTÁCIO

CORTE

P.A. de SANCHO, ainda na porta

PAN.HOR. vai com SANCHO até enquadrar os outros dois.

SANCHO - Dão-me licença os amigos?

MAURÍCIO - Ora seja bemvindo, Comendador Sancho! Que grande honra para mim é a de recebê-lo em minha casa!

SANCHO - Ia passando lá em baixo, na calçada e a empregada estava a limpar os metais da porta. Perguntei-lhe pelo amigo e ela me disse que estava aqui na sala a conversar com o irmão. Pedi-lhe licença e subi.

MAURÍCIO - Pois fez muito bem. Veio livrar da zanga do meu irmão Anastácio.

SANCHO - Ah sim? E por que lhe ralhava o senhor Anastácio?

MAURICIO - Porque estou perdendo minha filha, aprovando as despesas exageradas que ela pretende fazer para se apresentar no próximo baile.

SANCHO - Pois eu vou fazer de juiz na questão: quanto pediu ela no orçamento?

MAURICIO - Um momento que eu já lhe digo com exatidão. Deve estar aqui no meu bolso o papel que ^{eu} me deu com as despesas todas relacionadas.

MAURICIO PROCURA NOS BOLSOS O REFERIDO PAPEL.
ANASTACIO OLHA SANCHO DE MA VONTADE, EXAMINANDO, DE VEZ EM QUANDO E SACUDINDO A CABEÇA. MAURICIO ACHA O PAPEL E EXIBE-O PARA SANCHO

MAURICIO - Aqui está, finalmente, veja.
SANCHO PROCURA POSIÇÃO PARA ENXERGAR MEHOR E NÃO A CONSEGUE/. DEVOLVE O BILHETE A MAURICIO

SANCHO - Estou sem os óculos de ler de perto. Leia o amigo, por favor que eu escuto. A letra está muito miudinha.

ANASTÁCIO BOTA A MÃO NA BOCA PARA NÃO RIR.

MAURICIO - (lendo) Escomilha branca para o vestido, vinte quatro mil reis; setim branco para o forro cinquenta e seis mil reis; feitiço do vestido com enfeites e fitas setenta mil reis; luvas de pelica branca três mil reis; sapatos de setim branco quatro mil reis; cabelereiro dois mil reis; violetas e cravos para o bouquet, cinco mil reis. Um porta-bouquet novo, vinte mil reis, total cento e oitenta e quatro mil reis.

SANCHO - Só?! Mas francamente eu estou admirado! Acho muito pouco, até, seu Anastácio.

ANASTACIO - Mas não é por causa dos cento e oitenta e quatro mil reis, Comendador Sanchinho. É pelo futuro, entende?

SANCHO - Ora vamos, Senhor Anastácio, francamente! Deixe lá o futuro e tratemos de viver

SANCHO - (CONT.) o presente que é o que mais interessa.

ANASTACIO - Bem, é possível que o senhor é que esteja com a razão e que eu esteja dizendo parvoíces. O mano Mauricio, então que faça lá o que melhor entender. Eu como sou mesmo contra os bailes...

SANCHO - O senhor não enxerga, mesmo, dois palmos diante do nariz. Pois então não vê que os bailes facilitam os casamentos?

ANASTÁCIO - Embora não enxergue dois palmos diante do nariz, como diz o senhor Comendador, uma coisa eu ainda consigo enxergar: o ridículo enorme que fazem os velhos de sessenta anos, todos espartilhados, todos cheirosos, sendo alvo das zombarias das senhoras, e dos motejos dos rapazes, namorando moças que podiam ser suas netas e dansando valsas francezas uma noite inteira.

SANCHO - A quem se dirige o senhor Anastácio? A mim não há de ser, porque eu tenho exata consciência da posição que ocupo na sociedade e se fôr, não me baixarei a apanhar do chão que piso a injúria que me lança um... um roceiro.

CORTE

P.A. de ROSA, na porta de dentro

ROSA - Boa tarde, senhores.

CORTE

P.A. dos TRES HOMENS

SANCHO - Boa tarde, dona Rosinha.

TANTO SANCHO COMO ANASTÁCIO SE CONTEM.

CORTE

P.A. de ROSINHA NA PORTA.

ROSA - Então que é isto?

PAN. Hor. acompanha ROSINHA até enquadrar todos

MAURICIO - Isto, que?

ROSA - O Comendador Sanchoe o meu tio Anastácio estão com a fisionomia contrainda... Parece que discutiam?

MAURICIO - Não te encaeste, Rosa.

ROSA - Mas por que?

MAURICIO - Vamos ver se advinhas.

ROSA - Ah meu paizinho! Se eu pudesse advinhar as coisas, já teria brigado com todas as que se dizem minhas amigas.

SANCHO - Era pos sua causa que discutíamos.

ROSA - Por minha causa?! Mas meu Deus, então agora eu preciso saber de tudo.

SANCHO - Seu tio achou exagerado o seu orçamento para o proximo baile e como corri em sua defesa, desagradei-o ao ponto de me insultar.

ROSA - Óra, meu tio, não era preciso chegar a tanto. Se achou exagerado o meu orçamento, afiançe-lhe que não me incomodo muito por não ir a um baile.

ANASTÁCIO - Desculpe, minha sobrinha, mas esta eu não posso crer.

ROSA - E por que não? Sabe o que há de acontecer? Na hora da entrada, muitos olhos estarão voltados para a porta à minha espera. Perguntarão por que não fui... sentirão minha falta... lembrar-se-ão de mim e tudo isto será para mim como um triunfo.

ANASTÁCIO - Então realmente não irás ao baile?

ROSA - Se o meu paizinho não me quizer dar o que peço... prefiro não ir. (Vai a ele) E então, meu paizinho? Vou ao baile ou não vou?

MAURICIO - (sorrindo) É claro que vais.

ROSA SE LANÇA AO PESCOÇO DO PAI A QUEM ABRAÇA
E BEIJA CARINHOSAMENTE, FELIZ E RISONHA.

ANASTÁCIO - E depois digam se eu não tenho razão em afirmar que êle põe a filha a perder

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANASTÁCIO, abanando a cabeça.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSTAO com G.P. de FAUSTINO, sentado junto a uma pequena mesa, com as pernas extendidas noutra cadeira, um bloco de papel no colo, pensando e escrevendo. Está em mangas de camisa.

AFASTAMENTO até P.G. da SALA DE ESTAR DE DONA BAZILIA, onde se vê a mesma lendo e Clara costurando um vestido de baile.

CLARA - Tenho que dar um jeito de colocar muito bem este babadinho porque muitas vezes os babadinhos são mais eloquentes do que um livro de retórica. Na maioria das vezes a graça de uma moça está toda nos babadinhos que enfeitam o seu vestido.

FAUSTINO - Oh mana Clara, eu estou escrevendo o meu artigo para o jornal. Você quer fazer as suas considerações sobre os babadinhos num tom que não me atrapalhe?

CLARA - E por que você não vai escrever no seu quarto?

BAZILIA - Já estão vocês discutindo? Querem me deixar ler socegada o novo dicionário das flores?

CLARA - A senhora comprou, mãe? Eu não sabia que já tinha saído.

BAZILIA - O livreiro me avisou que estava por chegar e eu lhe pedi que me mandasse logo. Ouça que interessante. Amor perfeito - Existo só para ti! (TOM) É bem achado não lhe parece?

CLARA - Muito bem achado. Veja o que diz sobre a Violeta.

BAZILIA - Violeta... violeta... violeta... Est'a aqui. (lendo) Amo-te, mas não quero que saibas..

CLARA - Maravilhoso! Depois que a senhora tenha lido eu quero que me empreste o livro.

CORTE

P.P.de BAZILIA, suspendendo a leitura

AFASTAMENTO até enquadrar os tres

FAUSTINO - Que maldição!... Que inferno!...
Vocês resolveram me atrapalhar logo hoje
que eu estou com a maior dificuldade em en-
contrar assunto para o meu artigo?

BAZILIA - Oh Faustino, então isso são mane-
ras de você se dirigir a mim?

FAUSTINO - Não foi com a senhora que eu fa-
lei, foi com a Clara.

CLARA - Você agora está disfarçando, mas vo-
cê falou com as duas: comigo e com ela.

FAUSTINO - Desde o princípio que estava me
dirigindo a você; não se faça de boba.

CLARA - Por que você não vai escrever no
seu quarto? Eu já lhe perguntei isto e vo-
cê não me respondeu.

FAUSTINO - Porque meu quarto não tem janela,
é escuro e se eu acendo o lampeão logo re-
clamam que eu estou a gastar o gaz. E você
tambem não podia ir costurar no seu quarto?

CLARA - Não e pelos mesmos motivos.

FAUSTINO - E você tem muita pressa desse ves-
tido?

CLARA - Ora que pergunta mais tola! Claro que
tenho pressa. Pois se o baile é hoje à noite
eu preciso ter o vestido pronto pelo menos
à tardinha.

FAUSTINO - Você já passou da idade de bailes.
Devia era ficar em casa que lucrava muito ma-
is. Pelo menos não se cansava de esperar em
vão que lhe viessem convidar para uma quadri-
lha, ou para uma valsa francesa.

CLARA - A senhora ouviu o que ele disse? Que
eu já passei da idade dos bailes.

BAZILIA - Deixe-o falar. Ele hoje está com
mau espírito no corpo. (TOM) Olhe que coisa
mais galante. Angélica - Pura é minh'alma como
um céu sem návens.

CORTE

P.P.de FAUSTINO, em tom de segredo

CORTE

P.A. dos TRES

CLARA - É a mesma interpretação do antigo dicionário, parece-me.

BAZILIA - Não senhora. No antigo dicionário das flores a interpretação da Angélica eu a sei de cór porque era uma das que eu mais gostava: "Mãos em prece, olhando para o céu

CLARA - Ah, tem razão. É isso mesmo.

FAUSTINO - Que coisa horrorosa!... Eu hoje não consigo mesmo escrever, por causa desse maldito dicionário das flores. O remédio é desistir e esperar que passe essa vontade das duas de dar a língua.

CLARA - Graças a Deus que consegui pregar as mangas do vestido sem que elas ficassem re puxadas. Olhem que não é fácil.

CONTRA REGRA - BATIDAS DE PALMAS AFASTADAS

BAZILIA - Estão batendo lá no corredor. Vá ver quem é, Clara.

CLARA - Ah, mããe, a senhora me desculpe, mas o meu vestido ainda está bastante atra zado. Eu não posso perder tempo.

BAZILIA - Vá você então, Faustino.

FAUSTINO - Eu? Era só o que me faltava. Se Clara está atrasada, eu então não consegui nem começar o meu artigo.

BAZILIA - Por isso mesmo. Não pode alegar que o interrompe.

CONTRA REGRA - NOVAS PALMAS, AFASTADAS

BAZILIA - Você não vai, Faustino?

FAUSTINO - Desculpe, mas não vou.

BAZILIA - Ah meu Deus, que a gente não pode nem se instruir um pouco.

PREPARA-SE PARA LEVANTAR MAS INTERROMPE.

CLARA - Não vá, não. Quem for que entre.

BAZÍLIA - É isto mesmo. (gritando) Entre! (falando) Será que o aparavento não está com a tramelinha?

CORTE

P.A. de JUCA, na porta

CORTE

P.A. dos TRES

CORTE

P.A. de JUCA, entrando para o grupo

PAN. HOR. entra com Juca até enquadrar os outros

CLARA - Não está não, porque eu tirei, prevendo justamente uma coisa assim.

BAZILIA - Então quem for já deve estar a caminho porque não tornou a bater.

JUCA - (da porta) Dão licença?

BAZILIA - Entre.

CLARA - Quem é?

JUCA - Sou eu.

OS TRES SE LEVANTAM A UM SÔ TEMPO E JUNTOS
EXCLAMAM COM ALEGRIA E SURPREZA O NOME DO
RECEM VINDO.

OS TRES - Juca!....

JUCA ABRE OS BRAÇOS PARA ABRAÇAR OS TRES,
SORRINDO FELIZ.

APROXIMAÇÃO até G.P. de JUCA.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

FIM DO 1º CAPÍTULO

R O S A

ROMANCE DE JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

EM ADAPTAÇÃO PARA TV POR ERICO CRAMER

2º CAPITULO

PERSONAGENS:

D.BAZILIA..... Joracy Pinto
FAUSTINO..... ~~Mariano~~ **CESAR MAGNO**
CLARA..... ~~Diana Macelóvia~~ **Maria Lucia**
JUCA..... Gudy Emunds
ROSA..... ~~Rosa Maria~~ **Martine Perry**
MAURÍCIO..... Nelson Gianuca
ANASTÁCIO..... L.C. Magalhães
COMENDADOR SANCHO..... Júlio Cesar

CENÁRIOS:

- 1º) - SALA DE ESTAR DA CASA DE DONA BAZILIA
- 2º) - QUARTO DE VESTIR DE ROSA - Fundo neutro com apliques e uma armação de porta ao fundo
- 3º) - FUNDO NEUTRO COM ARMAÇÃO DE PORTA IGUAL à do quarto de vestir, porem com cortina.

Data da apresentação.....

SLIDES - (abertura)

ABERTURA em: P.P. de JUCA, na porta
da - SALA DE ESTAR DA CASA DE DONA
BAZILIA -
CORTE

P.A. de BAZILIA, CLARA e FAUSTINO

CORTE

P.A. de JUCA, ainda na porta

PAN.HOR. vai com JUCA até enquadrar
todos.

OS TRES SE LEVANTAM APRESSADAMENTE, DEIXANDO O QUE ESTAVAM FAZENDO.

OS TRES - Juca!...

ELE SE DIRIGE PRIMEIRO A DONA BAZILIA A QUEM ABRAÇA EFUSIVAMENTE.

JUCA - Como vai a senhora, dona Bazilia?!

BAZILIA - Mas que surpresa foi esta, rapaz?

CLARA - O que foi que aconteceu para você estar aqui nesta época?

FAUSTINO - Foram férias fora de tempo, ou a Faculdade fechou?

BAZILIA - Chegou vapor do Norte?

CLARA - Que novidades há por lá?

BAZILIA - Quando é que você chegou, afinal?

FAUSTINO - Você não responde, não diz nada, Juca. Fale, homem, satis faça a curiosidade da gente.

JUCA - Mas como é que eu posso responder a tantas perguntas ao mesmo tempo? Tem que ser de vagar, uma por uma.

CLARA - Pois então responda primeiro quando foi que você chegou?

JUCA - Hoje. Agora mesmo.

FAUSTINO - Mas de férias, ou que?

JUCA - Férias, sim, mas... dadas por mim mesmo.

BAZILIA - Já entendi. Sempre a maldita va
diação. Sempre a cabeça, ou melhor, a pouca
cabeça.

JUCA - As senhoras de uma certa idade são
interessantes: preocupam-se demais com a
cabeça dos rapazes, mas... a respeito do
coração nem mesmo cogitam. E isso é um êr-
ro, sabe dona Bazilia? Um rapaz é a mesma
coisa que a máquina de um vapor: não duvi-
do que a cabeça seja a válvula de seguran-
ça, porém o coração é a caldeira e é sem-
pre necessário que se tenha algum cuidado com
ela.

CLARA - E seu pai, Juca, não se mostrou con-
trariado com o seu procedimento?

JUCA - Pronto! Lá vem você com meu pai.

BAZILIA - E não é de vir, menino?

JUCA - Escutem uma coisa: quando fiz dezoito
anos e me apresentei a ele com os meus
preparatórios muito mal alinhavados, rece-
bi algumas cartas de recomendação e estas
palavras: (TOM) Tens sessenta mil reis de
mesada. Vai para a corte estudar. (TOM) ~~ai~~
perguntei eu: estudar o que, meu pai? (TOM)
Ele respondeu: (TOM) Óra essa é boa, estu-
dar o que?! Estudar os estudos. Vim para
esta bela corte e aqui fiquei estudando os
meus estudos.

BAZILIA - Mas de que maneira!

JUCA - Ninguém poderá dizer que principiei
mal: matriculei-me na escola de medicina.

BAZILIA - Até aí você mostrou ser moço de
juízo.

JUCA - Porém medicina é uma ciência; uma
grande ciência mesmo e como estudar medici-
na não era estudar os meus estudos, que fiz
então?

BAZILIA - Poz-se a vadiar.

JUCA - Vadiar, coisa nenhuma. Estudei dança, que é a ciência dos pés; ginástica que é a ciência dos músculos e das articulações; florete que é a das mãos; pintura que é a dos dedos; música e declamação que é a do peito, da garganta e da língua; estudei até para cabelereiro que é a ciência verdadeira da cabeça. E estudei mais ainda: estudei o bilhar, que é a geometria e o cálculo em ação; estudei o namoro que é o verbo balbuciante da ciência telegráfica...

BAZILIA - (corta) E achas que ganhaste muito estudando tudo isto?

JUCA - Ah, dona Bazília, cedo conheci os homens e as coisas, apalpei a sociedade onde me cumpre viver e preparei-me para representar nela um brilhante papel.

BAZILIA - Com a dança, a ginástica, o florete e a música?

JUCA - E por que não? Quem sabe cantar, dançar e esgrimir tem meiocaminho andado no que diz respeito ao afeto e admiração das donselas.

BAZILIA - Está bem, vá lá... mas ser cabelereiro, Juca, que pode servir a um homem que se destinou à medicina?

JUCA - Ora o cabelereiro, dona Bazília! O cabelereiro é um dos membros mais úteis da sociedade. Qual é a missão do cabelereiro neste mundo? Arranjar as cabeças desarranjadas. E todos nós sabemos como andam as cabeças neste século de tóas de aranha.

CLARA - E o bilhar, mããe? Pergunte-lhe o bilhar para que serve?

JUCA - O bilhar? O bilhar é a ciência das carambolas, Clara. Nos mistérios do taco e

JUCA - (CONT.) ângulos da reflexão, há um mundo imenso e incompreensível!

BAZILIA - E você se contentou com esses conhecimentos, rapaz?

JUCA - Não, dona Bazília, não. Estudei muito mais ainda: um pouco de francez, para conversar com certas moças elegantes; um pouco de italiano, para entender-me com as prima-donas do teatro e um pouco de inglez para entender-me, quando preciso, com os homens de negócio.

BAZILIA - Acho que o pior negócio que seu pai fez foi levá-lo do Rio de Janeiro a completar seus estudos na Baía.

FAUSTINO - Conta-nos das tuas aventuras com as baianas.

JUCA - É melhor nem falar. Por causa de uma delas é que estou aqui. Deveria bater-me em duelo com o irmão, mas os meus amigos me puzeram a força no vapor e o meu valente contendor lá ficou à minha espera com padrinhos e tudo. Mas e tú que fazes, Faustino? *Xi*

FAUSTINO - Fiz-me publicista. Sou redator de periódicos.

JUCA - O que, Faustino?! Tá intrometido na política? Eu sempre te conheci muito pateta para agora te supor velhaco.

FAUSTINO - Sou o que querem que eu seja.

JUCA - E o que esperas de tudo isto?

FAUSTINO - Dinheiro.

JUCA - Oh minha terra, minha terra! Que futuro poderás aguardar com homens que só esperam dinheiro? (TOM) E a dona Clarinha? Que vai fazer com este vestido tão bonito?

CLARINHA LEVANTA O VESTIDO PARA JUCA VER.

CLARINHA - Gosta? Vou botá-lo logo à venda no baile.

JUCA - Logo à noite há um baile? E eu que ha dois mezes não vou a um.

CLARA - Se quizer ir commosco, arranja-se um convite.

JUCA - Vendi toda a minha roupa e puz em leião até minha casaca.

FAUSTINO - E eu que tenho casaca não posso ir ao baile por causa da minha perna.

JUCA - Pois então está resolvido: eu irei ao baile com a casaca do Faustino.

FAUSTINO - A minha casaca vai ficar grande você, Juca.

JUCA - Não faz mal. Eu digo que é uma nova moda que eu trouxe da Baía. E agora, Faustino quero que me respondas a uma pergunta que te vou fazer: qual é a rainha das belas, aqui?

FAUSTINO - A rainha das flores.

JUCA - E qual é a rainha das flores, agora?

FAUSTINO - Que pergunta! Hontem... hoje e amanhã, é, há de ser e sempre foi a Rosa.

JUCA - E essa Rosa, será a filha de um homem chamado Mauricio?

FAUSTINO - Exatamente.

JUCA - Conheço perfeitamente dona Rosa. Sou amigo de seu pai e dela cem vezes mais. Eu tinha dezoito anos e ela treze quando se passaram entre nós cenas que não significam nada e que significam muito. Eu até escrevi a história desse amor de adolescente, que um dia hei de ler para vocês.

BAZILIA - E que titulo deu à sua historia, vamos ver?

JUCA - A minha Rosa.

CLARA - (meio tom) Rosa... Rosa... Sempre a Rosa a polarizar as atenções de todos.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CORTE

P.P.de CLARA, Aborrecida

APROXIMAÇÃO até G.P.de CLARA

FUSÃO com P.P.de ROSA, toda arrumada para o baile, diante do toucador.

AFASTAMENTO até enquadrar MAURICIO, também pronto para o baile, esperando a filha, sentado numa cadeira.

ROSA - Dizem que esse cabelereiro que acabou de sair daqui é o que melhor penteia porque é Francez, veio de Paris, e conhece mais que os nossos, o segredo de adaptar os penteados à fisionomia das pessoas.

MAURICIO - Eu, por mim, não vejo diferença nenhuma daquele que te penteava antes, a não ser... no preço, ~~que é mais do~~ que é mais do que o dobro. O outro cobrava dois mil reis o penteado, este cobra cinco.

ROSA - Mas has de ver, paisinho, que a sua Rosinha fará bonita figura no baile, daqui a pouco mais.

MAURICIO - Eu sei que fará, mas estou certo de que pela sua beleza e não pelo cabelereiro francez.

ROSA - Não digo que o outro penteasse mal, mas este tem muito mais chic, paisinho. Os homens não observam esses detalhes, mas garanto-lhe que não haverá uma só das moças ou senhoras presentes ao baile que não saiba distinguir um do outro.

ROSA SE LEVANTA E VEM PARA O MEIO DA PEÇA,
MOSTRANDO AO PAI TODO O SEU VESTIDO, GIRANDO

ROSA - Que tal o meu vestido? Parece-lhe que farei má figura?

MAURICIO - Jamais poderás fazer má figura com o rosto que tens, filhinha e é por isto que o mano Anastácio se arrelia com os gastos que fazes, porque afirma que não tens necessidade deles para brilhar.

ROSA - O tio Anastácio foi sempre amigo da economia, papai, por isso que ele discorda dos meus gastos.

CORTE

P.A. de ANASTÁCIO, no fundo, prepara também para o baile

ANASTÁCIO - O tio Anastácio sempre foi amigo da simplicidade, minha querida sobrinha. Ele acha que a moça quanto mais simples, mais natural e quanto mais natural, mais encantadora.

ANASTÁCIO VEM PARA JUNTO DOS OUTROS.

PAN.HOR. vai com ANASTÁCIO, até enquadrar os três.

ROSA - Pois então permita que lhe diga que o meu tio Anastácio, ^{Quando se prepara} assim preparado para ^{um} baile, ^{fica muito, mas muito} ~~está infinitamente~~ melhor do que quando se veste com simplicidade.

ANASTÁCIO - Mas o tio Anastácio é um velho e aos velhos é necessário algum aparato para ~~se~~ esconder as deformações da velhice. As moças não. Já são enfeitadas pela própria jovialidade. Qualquer coisa mais que ponham em cima, além de um vestido simples é uma flor nos cabelos, é supérfluo e desnecessário.

MAURICIO - Bem, mas nós estamos aqui a conversar e o fiacre já deve estar lá em baixo à nossa espera. Estamos ^{quasi} ~~precisamente~~ na hora do baile começar.

ROSA - Não importa, paizinho. Quanto ^{mais} tarde uma moça chega a uma festa, mais desejada se torna.

MAURICIO - Bem, bem... mas até que ^{terminemos} ~~desçamos~~, ^{de na vestida} apanhemos o fiacre e cheguemos ao salão da sociedade, pelo menos uns ^{vinte} ~~dez~~ minutos mais terão passado. Não lhe basta chegar com ^{esse} ~~quinze~~ ^{tempo} minutos de atraso?

ROSA - É pouco. Meia hora é o mínimo de atraso que se deve guardar.

ROSA ABRE A CAVETA DA PENTEADEIRA E TIRA UM PAR DE LUVAS QUE COMEÇA A VESTIR CALMAMENTE

ANASTÁCIO - Quando eu digo que a mocidade de hoje tem umas coisas engraçadas, o m

ANASTÁCIO - (CONT.) Maurício quer me con-
vencer de que eu extranho porque vivi to-
da a vida fora. Nada disto, eu extranho
porque tenho que extranhar mesmo. Ora on-
de é que se viu chegar atrasada a um bai-
le, de propósito para chamar a atenção!
No meu tempo de moço nunca ouvi falar nis-
to!

ROSA COMEÇA A RIR E AO TEMPO EM QUE BOTA UM VEO
SOBRE OS CABELOS, ENVOLVENDO NELE O PESCOÇO, DÁ
O BRAÇO AO PAI E AO TIO, SAINDO COM ELES PELA
CÂMERA.

APROXIMAÇÃO até DET da ARMAÇÃO de PORTA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL E FUNDE COM VALSA
VIENENSE QUE PERMANECE EM BG.

FUSÃO com DET de OUTRA ARMAÇÃO DE PORTA

em FUNDO NEUTRO, esta, porem com cortina,
como se fosse dentro de um salão.

ENTRA DO FUNDO, O LOCANDO-SE A FRENTE DESSA
PORTA O COMENDADOR SANCHO, TODO PREPARADO PA-
RA O BAILE, DE CARTOLA NA MÃO.

SANCHO - Procuro Rosa, não vejo. Laura tam-
bem não está. Clara... Irene... Almerinda...
todas ausentes ainda! Que moda tão exquesi-
ta de chegar tarde nas festas! Quere[m] fazer-
se desejadas pelos mancebos e a verdade é
que se fazem. Aqui está um, desejoso de ba-
nhar seus olhos no semblante de qualquer
uma dessas beldades. Não faltam, lá no sa-
lão, outras moças desejosas de passear pelo
braço do elegante e disputado Comendador
Sancho.

PASSA A MÃO PELA COMENDA, SORRINDO ORGULHOSO

SANCHO - Não há palmo de rosto, por mais lin-
do, que resista ao fulgor desta comenda...

APROXIMAÇÃO até DET da COMENDA

AUDIO - SÚFIXO MUSICAL

R O S A

Pedidos Feitos
P.

ROMANCE DE JOAQUIM MANOEL DE MACEDO
EM ADAPTAÇÃO PARA TV DE ERICO GRAMER

3º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

BAZILIA..... Joracy Pinto
CLARA..... ~~Diana Macilóvia~~ Maria Lúcia
JUCA..... GUDY EMUNDS
ROSA..... ~~ROSA MARIA~~ Marlene Herz
MAURÍCIO..... Nelson Gianuca
COMENDADOR SANCHÔ..... Júlio Cesar
ANASTÁCIO..... L.C. Macalhões
LAURA..... ~~Marlene Herz~~ Maria Kötter
AVÔ... (Juliana)..... Linda Gay
QUATRO FIGURANTES FEMININAS - ADILES - MIRIAM - M/HELENA - DINÁ PERES
TRÊS FIGURANTES MASCULINOS - HEITOR DIAS - GERVÁSIO LOPES - STANLEY

CENÁRIOS:

1º) - FUNDO NEUTRO COM DUAS PORTAS SOLTAS COM CORTINAS
COMPRIDAS, PORTA SOLTA TAMBEM COM CORTINA A ESQUER
DA E DEPOIS DA PORTA BALCÃO E GRADE. PORTA SOLTA
A DIREITA, TAMBEM COM CORTINA E DEPOIS DA PORTA
UM TOUCADOR ANTIGO COM BANQUETA.

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: (Abertura)

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em DET. da COMENDA de Sancho,
de pé junto à uma das portas do fundo.

- FUNDO NEUTRO COM ARMAÇÃO DE PORTAS -

SANCHO PASSA A MÃO NA COMENDA COMO QUE ACARICIANDO-
A, AO MESMO TEMPO QUE SORRI PARA UMA DETERMINADA DI-
REÇÃO ONDE ESTÁ UM GRUPO FORMADO POR D. LAURA, A AVÓ,
DUAS FIGURANTES E UM FIGURANTE.

AFASTAMENTO até P.A. de SANCHO, junto
à porta, sorrindo na direção do grupo.

AUDIO - MUSICA DE VALSA VIENENSE EM B/G.

CORTE

P.M. do GRUPO de LAURA, AVÓ e figuran-
tes.

LAURA - (Tom escuro) Vocês querem ver co-
mo o Comendador vem direito a mim, pedir-me
um passeio pelo salão, agora mesmo?

AVÓ - Óra, minha neta, francamente! Não lhe
gabo o gosto de se expor ao ridículo ao la-
do desse velho tonto, metido a moço.

LAURA - (rindo) Ah, vóvó, se ele o ouvisse,
era capaz de se julgar insultado e tirar do
bolso a sua certidão de nascimento, para pro-
var-lhe que ainda vai fazer cincoenta e dois
anos.

AVÓ - Ele que deixe de ser idiota, porque
nem com essa certidão, que só pode ser fal-
sa, convencerá uma pessoa de bom senso que
a sua idade é essa que ele pretende impin-
gir. Pois se ele foi moço do meu tempo e
eu já ando beirando os setenta, de que mo-
do ele pode estar com cinquenta e dois?

FIGURANTE - Só por milagre.

AVÓ - Ou então pelo descaramento de mentir,
que é o que ele faz. Mas as culpadas são vo-
cês, as moças, que para utilizá-lo como jo-
guetes contra os namorados, fingem acor-
tar em tudo que ele diz e ainda o incen-

AVÓ - (CONT.) o que é muito pior.

LAURA - Ora, vóvó, coitado! Custa tão pouco dar-lhe esse prazer... Chega a ser até uma caridade que se faz.

AVÓ - Não concordo. Acho exatamente o contrário. Considero uma falta de caridade e um desrespeito à velhice, o que vocês, em geral, fazem com esse coitado. É alimentado por vocês, que ele usa cabeleira preta, dentadura, espartilho para ficar mais tezo e outras coisas que lhe dão a ilusão de parecer mais moço. Nada disso adianta. As rugas e a incerteza do passo estão demonstrando bem os setenta e quatro ou setenta e cinco anos que ele viu passar.

LAURA - Ah, vóvó, também tanto assim, acho que não deve ser. A senhora está sendo impiedosa com ele.

AVÓ - Impiedoso com ele é o tempo e não eu. Reparem como ele está todo risonho para cá. Com toda a certeza já percebeu que se fala nele...

CORTE

P.M. de SANCHO, na porta

... e está naturalmente pensando que eu o estou recomendando a vocês como um homem de fortuna e de linhagem.

CORTE

P.G. do GRUPO que todo olha na direção de Sancho.

FIGURANTE - Eu sei de muitas senhoras que lhe dariam as filhas com prazer só por causa disso.

AVÓ - Deus me perdoe! Inda que ele tivesse o dôbro da fortuna e muitas outras comendas, eu não o desejaria para a minha neta.

LAURA - Ora, vóvó, mas nem se preocupe. Nem eu estou pensando no Comendador Sancho como um possível casamento. Estou apenas brincando... me divertindo...

AVÔ - Pois isso é que eu considero impiedade. Você me chamou de impiedosa, só por que ~~lhe~~ calculei a idade que ele, deve realmente ter e no entanto, muito mais impiedosa está sendo você, animando-o com risinhos e olhares, quando não pretende outra coisa sinão divertir-se.

LAURA - Mas a vóvó não compreende que ele se sentirá muito mais feliz se eu proceder assim, ~~conceder~~ do que se eu não lhe der atenção.

FIGURANTE - Aí vem êle para cá.

AVÔ - Claro que tem que vir. A Laura fica a lhe atirar sorrisos e olhares... não deixa de ser um convite a que ele se aproxime.

ENTRA EM QUADRO, TODO PERFILADO E RASGADO NUM SORRISO, O COMENDADOR SANCHO. VAI PARA A AVÔ, EM PRIMEIRO LUGAR.

SANCHO - A senhora me permite o prazer de beijar-lhe a mão.

AVÔ EXTENDE-LHE A MÃO DE MÁ VONTADE E FALA SECA

AVÔ - Boa noite.

ELE NÃO SE DÁ CONTA E NEM LIGA PARA A VELHA, DIRIGINDO-SE, LOGO A SEGUIR AS MOÇAS DE QUEM BEIJA AS MÃOS, COMEÇANDO POR DONA LAURA.

SANCHO - Minha senhora, permita-me o prazer sem fim de beijar-lhe a mimosa mão. (beija) Minha senhora... (beija a mão da outra) Minha senhora... (idem) Cavalheiro... (Faz uma reverência que o figurante corresponde)

AVÔ - (meio tom) O coitado chega a ser engraçado de tão ridículo.

SANCHO - (para Laura) Minha senhora, seria eu tão afortunado que V.Excia. me concedesse a bemaventurança de um passeio pelo salão?

LAURA - (sorrindo) Com sumo prazer...

CORTE

P.A. de AVÔ e FIGURANTE

CORTE

P.A. de SANCHO e LAURA

LAURA SE LEVANTA E SAI COM O COMENDADOR.
DÁ UMA VOLTA NA SALA E DIRIGEM-SE PARA
O BALCÃO DO TERRAÇO.

AVÔ - Não sei a quem essa menina poderá ter
saído assim brincalhona. A mim não foi, nem
à mãe. O pai, por seu turno era um homem
muito sóbrio, como convem. Alegre, sim...
mas sóbrio.

CORTE

P.A. de LAURA E SANCHO, um pouco afas-
tados, preparando-se para o passeio.

Ele oferece o braço que ela aceita.

SEGUEM A CAMINHAR PELO SALÃO, DIRIGINDO-
SE, LOGO A SEGUIR, AO TERRAÇO.

PAN.HOR. acompanha Laura e SANCHO.

COMENDADOR - Aceita o braço de um humilde
adorador de V.Excia?

LAURA - O braço do senhor Comendador, além
de ser, para mim, uma grande distinção, tem,
sobretudo, um encanto inexplicável.

COMENDADOR - Minha senhora, não comece V.Ex-
cia, já ao início do passeio, a zombar do
seu escravo.

LAURA - Acredite que não zombo, senhor Comen-
dador. É um prazer muito grande para mim
admirar o espírito do mais elegante dos ca-
valheiros. (Laura sorri abertamente)

COMENDADOR - Quando V.Excia sorri, é o sol
que brilha.

LAURA - O sol? Assim em plena noite?

COMENDADOR - V.Excia não o pode ver, nem sen-
tir o ardor dos seus raios, porque é a própria
modéstia, mas quando V.Excia entrou nesta sa-
la, embora todas as velas estivessem acesas,
tudo resplandeceu como uma aurora boreal.

LAURA - (rindo) Oh meu Deus, mas assim tam-
bem é demais. Se eu efetivamente chego a bri-
lhar tanto assim, acredito que seja
com o reflexo dos raios do seu espírito.

COMENDADOR - Vossa Excelência confunde-me.

LAURA TEM UM CHOQUE, AO OLHAR PARA A PORTA
DO TERRAÇO.

LAURA - Meu Deus!...

COMENDADOR - Que foi?

CORTE

P.M. de JUCA, na porta do salão que
dá para o terraço.

CORTE

P.A. de LAURA e COMENDADOR SANCHO.

LAURA - (em segredo) É ele!

LAURA - (meio tom) É ele, sim.

COMENDADOR - Ora, minha senhora, deixemos es-
se pobre coitado e continuemos com o nosso
assunto que estava tão interessante.

LAURA - Pobre coitado, o senhor disse, Comen-
dador?

COMENDADOR - Pobre coitado, sim. Afinal o
que é ele? Apenas um estudante sem eira nem
beira e que nem sequer aproveita os seus es-
tudos porque vive a vadiar e a gastar, inu-
tilmente a mesada que o pai lhe manda.

JUCA ENTRA EM CAMPO, RISONHO, DIRIGINDO-
SE A DONA LAURA QUE O RECEBE COM O SEU ME-
LHOR SORRISO. O COMENDADOR FECHA A CARA.

JUCA - D.Laura!... Que felicidade imensa, para-
mim, o tornar a vê-la!... Até me parecia um so-
nho!...

LAURA - Senhor Juca! Acredite que não é menor
o meu prazer e nem foi pequena a minha sur-
preza. Podia esperar tudo, menos a sua presen-
ça neste baile.

JUCA - Consente que a acompanhe?

LAURA - Com o maior prazer. Acredite que fi-
carei encantada.

COMENDADOR - (aflito) Mas permita, por favor
... permita... A senhora dona Laura estava
em minha companhia...

OS DOIS NÃO OUVEM O QUE SANCHO DIZ E SE REFI-
RAM DE QUADRO, DE BRAÇOS DADOS.

COMENDADOR - (indignado, com voz contida)
Miserável!... Miserável!... Batam-lhe nos bolsos e não ouvirão tinir nem quatro vinténs! • E é um sujeito dessa espécie que tem a ousadia de vir arrebatá-me o par. A mim, um homem rico... e condecorado!...

CORTE •

P.A. de MAURICIO, ROSINHA e ANASTÁCIO, numa das armações de porta do fundo do salão, já entrados. Eles estão sem as cartolas e ela ainda com o chaile ou a capa de abrigo.

OS TRES PARAM A CUMPRIMENTAR SORRIDENTES, DE CABEÇA, PARA DIVERSOS PONTOS DO SALÃO, INCLUSIVE PARA A CAMERA. ANASTÁCIO ACANHADO OS OUTROS DESEMBARAÇADOS.

ROSA - Eu vou ao toilette deixar o meu abrigo e depois virei encontrá-los.

MAURICIO - A mim só encontrarás na sala de jogo e presumo que ao mano Anastácio também. Ele deve estar aflito por jogar uma partidinha de gamão.

ANASTÁCIO - Não. Eu prefiro, por enquanto, ficar aqui pelo salão a conservar as modas da cidade, que todas são novas para mim.

ROSA - Olhe, lá estão dona Júlia e dona Augusta, que o senhor conhece. Vá conversar um pouco com elas que depois nos encontraremos.

ANASTÁCIO SE DIRIGE A UM OUTRO GRUPO DE FIGURANTES, DOS QUAIS APERTA A MÃO E FICA JUNTO.

ROSA - E o senhor vai jogar a bisca, não é?

MAURICIO - O sólo, minha filha. Quando há bons parceiros, eu sempre prefiro o sólo.

ROSA - Pois bem, vá então que eu vou me desfazer do meu abrigo e logo voltarei para o salão.

PAN.HOR. vai com ROSA até o toilette, onde ela entra, larga o abrigo numa cadeira ou num biombo e vai para a frente do toilette, onde começa a botar pó de arroz.

LAURA E JUCA SE COLOCAM A UM METRO DA PORTA DO TOILETE, CONVERSANDO. DEPOIS DE RETOCAR OS CABELOS, O PO E BELISCAR AS FACES, ROSA VAI PARA A PORTA DO SALÃO. QUANDO AFASTA AS CORTINAS E VAI ENTRAR, VÊ JUCA COM LAURA. LEVA UM CHOQUE GRANDE E RECUA, FICANDO A ESPIAR E ESCUTAR ATRÁS DAS CORTINAS.

LAURA - Seria demasiada ventura para mim acreditar em todas as coisas que o senhor me diz. Não posso crer... não/ posso...

JUCA - Mas dona Laura, até agora eu não disse mentira alguma. Então cre que se pode mentir junto a um anjo?

LAURA - Óra, anjo! Deixe essas lisonjas de mau gosto para o comendador. Eu quero saber o verdadeiro motivo porque voltou ao Rio de Janeiro tão inesperadamente.

JUCA - Pois eu já não lhe disse? Morria de saudades e não resisti ao desejo de tornar a vê-la.

LAURA - Então na Baía não haviam moças bonitas que o fizessem esquecer-se de mim?

JUCA - Acredite que não. E talvez nem na terra exista alguma que se possa comparar. Talvez... no céu.

CORTE

P.P. de ROSA, enraivecida, mas contendo-se

ROSA - (meio tom) Falsa! Hipócrita! E eu que sempre acreditei que ela fosse, realmente a minha melhor amiga. (firme) Vais ver o que faço agora.

ROSA ENTRA DECIDIDA NO SALÃO E PASSA PELOS DOIS FINGINDO QUE NÃO OS VÊ. PARA LOGO ADIANTE E O COMENDADOR, BEM COMO TRES OU QUATRO FIGURANTES, COMEÇAM A RODEA-LA.

AFASTAMENTO até P.G. da CENA.

CORTE

P.A. de JUCA e LAURA

JUCA - É Rosa a moça que ali está de rapazes e mais o Comendador?

LAURA - (desagradada) Sim, é ela. Por que?

JUCA - Está diferente. Tem a candura de um anjo e o porte de uma rainha!

LAURA - Ih, o senhor parece que se entusiasmou com ela...

JUCA - Que posso fazer? Amo o belo e as suas manifestações sempre me despertam entusiasmo. Não só as mulheres, mas as flores... as estrelas... tudo que é belo.

LAURA - (polida, mas zangada) O que verifico, senhor Juca, é que a volubilidade fez pousada no seu coração. Se quer também ir rodeá-la, pode ir. Não o prendo.

JUCA - Sim, eu desejo ir cumprimentá-la e casualmente estava pensando em solicitar sua permissão.

LAURA - Pois então vá. Não perca tempo.

LAURA DÁ UMA RABANADA E ENTRA, APRESSADA NO TOILETE. JUCA SE ENCAMINHA PARA ROSA QUE AINDA ESTÁ COM DOIS RAPAZES NO MESMO LUGAR. UM ACABA DE ASSINAR O CARNET E PASSA-O PARA O OUTRO QUE O ASSINA TAMBÉM E ENTREGA-O A ROSA.

FIGURANTE - Aqui está.

ROSA - Obrigada.

OS FIGURANTES FAZEM UM ACENA DE CABEÇA E SAEM JUNTOS PARA O FUNDO DO SALÃO. ROSA VAI ANDAR MAS JUCA SE COLOCA NA FRENTE DELA, EXTENDENDO-LHE A MÃO QUE ELA RETRIVUI E ELE BEIJA, CURVANDO-SE.

JUCA - Boa noite, dona Rosinha. E então não se lembra mais de mim?

ROSA - (polida) Como está o senhor?

JUCA - Diante da senhora, não poderei estar melhor. Quer conceder-me a honra da primeira quadrilha que se dança?

ROSA - (fria) Já dei-a a um rapaz que não conheço.

JUCA - A segunda?

ROSA - Já dei-a a um moço que me quer bem.

JUCA - E a terceira, minha senhora?

ROSA-- Já dei-a a um velho que me diverte.

JUCA - A quarta?

ROSA - Retirar-me-ei antes dela.

JUCA - E uma valsa?

ROSA - Jurei não valsar esta noite,

JUCA - Mas isso é incrível! Eu desespero se não puder dançar com a senhora.

ROSA - Mas por que esse desesperar, se há tantas moças, belas no salão?

JUCA - Com nenhuma delas dansarei esta noite.

ROSA - Deveras? Pois bem, se o senhor realmente assim proceder, dar-lhe-ei a terceira quadrilha e deixarei o Comendador sentado.

CORTE

P.A. de AVÓ e FIGURANTE, com o leque na frente do rosto, segredando.

CORTE

P.P. de LAURA, na frente do toilete, chorando de raiva.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LAURA, despeitada e raivosa

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

Fim do 3º Capítulo

PLANTA BRILHA DO CENÁRIO

ROTUNDA (10 metros)



60/10/19

Pedidos feitos
[Signature]

R O S A

ROMANCE DE JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

ADAPTADO PARA TV POR ERICO CRAMER.-

4º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

JUCA..... Gudy Emunds
ROSA..... ~~Rosa Maria~~ *Maria Luiza Marlene*
COMENDADOR SANCHO..... Júlio César
CLARA..... ~~Dina~~ *Maria Luiza*
FAUSTINO..... ~~J. Pires~~ *Cesar Magno*
D.BAZÍLIA..... Joracy Pinto

CENÁRIOS:

1º) - RECANTO DO SALÃO DE BAILE ANTERIOR, PARTE
DO TERRAÇO COM GRADE E BALCÃO E A PORTA QUE
DÁ PARA O SALÃO, COM CORTINA.

2º) - SALA DE ESTAR DA CASA DE DONA BAZÍLIA

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

SLIDES: (Abertura)

ABERTURA em DET. de uma rosa nas mãos de ROSINHA que com o mesmo vestido de baile do capítulo anterior, está perto do balcão do terraço.

AFASTAMENTO até P.A. de ROSA E JUCA

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

JUCA - Uma rosa nas mãos de outra rosa.

Difícil se torna a qualquer um dizer qual das duas a mais bela.

ROSA - Senhor Juca, em outro tempo o senhor meditava muito e falava pouco... reparo que hoje faz o contrário.

JUCA - Ah, então a senhora lembra-se do outro tempo?

ROSA - Alguma coisa.

JUCA - Recordar-se-á, por ventura, da noite em que, pela primeira vez, nos achamos um defronte ao outro?

ROSA - Tenho, sim, uma vaga lembrança disso. Quando foi?

JUCA - Numa noite de São João.

ROSA - Sim, sim... parece que foi isso mesmo. Numa noite de São João.

JUCA - Dois belos dias passamos juntos. Lembra-se daquele fato da rosa e do lago?

ROSA - Não. Que rosa foi essa? Que houve no lago?

JUCA - Nem ao menos se recorda de um botão de flor de laranjeira que eu recebi de suas mãos mimosas?

ROSA - Meu Deus, de quanta coisa bonita eu me tenho esquecido? Da rosa... do lago... de um botão de flor de laranjeira...

JUCA - São realmente coisas pueris, é natural que sejam esquecidas. O tempo apaga com facilidade essas lembranças, da mesma forma que o vento apaga, na areia, as pisadas de

JUCA - (CONT.) dois meninos que brincaram juntos à borda do mar.

HÁ UMA PAUSA. ROSA OLHA LONGE ELE OLHA PARA ELA. DE REPENTE ELA SE APERCEBE E DESFARÇA

ROSA - Quando chegou da Baía, senhor Juca?

JUCA - Há dois dias.

ROSA - Há dois dias apenas? E já num baile? O senhor não se cansa. E veio em vapor ou em barco a vela?

JUCA - Vim no vapor. E sabe como vim parar aqui? Empurraram-me à força para o Rio de Janeiro porque eu estava apaixonado como nunca estive em minha vida.

CORTE

P.F. de ROSA, numa expressão de despeito contido, mordendo o lábio inferior

ROSA - Deveras? E por que fugiu dela, si é que a amava tanto?

JUCA - Porque ela foi perjura. Cheguei mesmo a conceber o pensamento de matar-me.

ROSA - (fingindo-se admirada) Por causa de uma mulher?!... Ora vamos!... Não há mulher alguma que valha a pena de um suicídio.

JUCA - A senhora pensa realmente assim?

ROSA - Sem dúvida alguma. É sempre melhor viver, mesmo que seja para amar a outras mulheres.

JUCA - E desprezar a ingrata?

ROSA - Não. Amá-la também, porque a mulher é a mais fraca das criaturas e com um bocado só de paciência o homem é capaz de transformar um desprezo numa paixão ardente.

JUCA - Eu rogaria à senhora que me ensinasse esse remédio.

ROSA - A receita é tão antiga e tão conhecida: finge-se amar uma outra aos olhos da ingrata. O efeito é mais ou menos demorado... porém sempre certo.

JUCA - Agradeço-lhe sinceramente a receita a afianço à senhora que tratarei de empregá-la na primeira oportunidade.

AUDIO - ROMPE, NO SALÃO, UMA QUADRILHA OU, NA FAITA DESTA, UMA VALSA VIENENSE.

ENTRA EM QUADRO O COMENDADOR SANCHO, TODO APRUMADO, CURVANDO-SE LIGEIRAMENTE À FRENTE DE ROSA

JUCA - Quer dar-me a honra?

COMENDADOR - Vossa Excelência prometeu-me esta contradansa.

ROSA - Sim, sim, eu me lembro. (A JUCA) Ao senhor é que eu não me recordo de haver prometido coisa alguma...

CORTE

P.P.de JUCA, mordendo os lábios de contrariedade, mas contendo-se

CORTE.

P.A. dos TRES.

JUCA - Eu disse à senhora que não dansaria com ninguém e realmente não dansei.

COMENDADOR - Senhora, estou à espera de que V.Excia. cumpra com a sua palavra.

JUCA - Não dansei com ninguém, lembre-se.

ROSA - Sim, sim... efetivamente... agora começo a me lembrar de que lhe prometi... Eis agora aqui o que se chama uma verdadeira dificuldade: decidir entre dois cavalheiros tão interessantes... Na verdade eu tenho uma cabeça tonta... prometer o que não posso cumprir...

COMENDADOR - (passando a mão na comenda) Pois decida entre nós Vossa Excelência.

JUCA - Eu não dansei.

ROSA - Realmente o senhor Juca trouxe o cálice da amargura, mantendo-se sem dansar até agora, para merecer esta contradansa. Merece piedade por isso. Desculpe-me Comendador. Dar-lhe-ei, depois, uma valsa, como compensação.

COMENDADOR - Mas então eu hei de ficar sentado?

JUCA - (ríspido) Ninguém lhe diz que não fi
que de pé.

DA O BRAÇO A ROSA QUE SAI COM ELE DE QUADRO,
PARA O SALÃO. O COMENDADOR FICA A OLHA-LOS
ATÉ QUE PASSAM A PORTA PARA O SALÃO.

COMENDADOR - Ninguém seria capaz de acredi
tar num absurdo destes. Ninguém! Como pode
um estudante fracassado, um João ninguém
sem eira nem beira, derrotar um homem do
meu físico e da minha posição social. E a
desfeita maior não é propriamente a mim.
É a esta comenda. Eu chego a ter a impressão
que eles não sabem o que ela em verdade re
presenta. Não podem saber! Não podem saber!

APROXIMAÇÃO até G.P. de COMENDADOR SAN
CHO, furioso da vida.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: P.P. de FAUSTINO, sentado na
mesa em mangas de camisa, com um lápis
na boca, pensando no que vai escrever.

- *Sala de Estar de D. Brasília* -

FAUSTINO - Você inda não me falou do baile
de ontem, mana.

CLARA ESTÁ SENTADA PERTO DE FAUSTINO, DE VESTIDO
CASEIRO, BORDANDO NUM BASTIDOR. NÃO ESTÁ DISPOSTA

CLARA - Não há muito que falar.

FAUSTINO - Então já vejo que ele não foi bom
para você.

CLARA - É precipitação sua pensar assim. O
fato de eu dizer que não tenho muito que fa
lar sobre o baile não autoriza ninguém a ima
ginar que ele não tenha estado bom para mim.
Dansei bastante, está ouvindo? E não precisei
valer-me do recurso de convidar o Comendador
Sancho, como fizeram muitas outras que são
tidas na sociedade na conta de verdadeiras
beldades.

FAUSTINO - A quem você está se referindo?
À Rosinha?

CLARA - Não sei se a Rosinha fez isso por que nem sequer reparei na presença dela no baile, mas a Laura fez e por mais de duas vezes que eu vi.

FAUSTINO - A Laura? É de admirar, porque ela é, realmente, muito bonita e muito elegante.

CLARA - Eu, para falar a verdade, mano, não vejo nela nada de extraordinário. Nem sei, porque tanto alarde em torno da sua beleza que, a meu ver, é uma beleza comum.

FAUSTINO - Ora vamos, Clara! Isso é o que se pode chamar de querer tapar o sol com a peneira.

ENTRA EM QUADRO DONA BAZÍLIA, BATENDO UMAS CLARAS
NUM ALGUIDAR DE BARRO, COM UM AVENTALÃO.

BAZILIA - O Juca ainda não se levantou?

CLARA - Até agora não. Ou pelo menos aqui na sala não apareceu.

BAZILIA - Estou só esperando que ele se levante para mandar servir o almoço.

FAUSTINO - Vamos ter sobremesa de núvens? Estimo. Foi preciso que o Juca viesse da Baía para se tornar a fazer esse doce aqui em casa.

BAZILIA - Lembrei-me que era o doce que ele mais gostava. Mas você, Faustino, já começou, de leve, com as suas velhas implicações com o rapaz. Ainda não faz nem um mês que você comeu núvens que eu fiz especialmente por sua causa.

CLARA - Eu acho graça, mããe, que a senhora ainda se impressiona com as coisas que o Faustino diz. Por mim ele pode falar quanto quizer que eu não estou me aborrecendo. A senhora já está cansada de saber que ele não pode estar sem ralar os outros.

BAZILIA - É um hábito dos nossos jornalistas. Eles, em geral, gostam de polêmicas.

FAUSTINO - O dia que nos mudarmos de casa, eu vou exigir um quarto que tenha janela para fora, ou então um gabinete onde eu possa trabalhar longe das matraquices da senhora minha irmã.

CLARA - Engraçado! A mãe que falou e você se vira contra mim? Veja que está sendo injusto, mano.

FAUSTINO - Você fala de mim porque acha que eu gosto de ralar os outros. E você quando fala na Rosinha, faz outra coisa que não seja ralar a beleza e a elegância da moça?

CLARA - Você é que tem mania que eu não gosto dela, mas eu acho que nunca disse nada que lhe autorizasse a pensar assim.

BAZILIA - Meus filhos, acabem com essa discussão tola. Vocês parecem duas crianças a fazer pirraça um para o outro... Uma coisa que eu sempre desejei é que meus filhos fossem amigos, mas infelizmente isso não aconteceu. Vocês vivem como cão e gato.

CORTE

P.A. de JUCA, de mangas de camisa, colarinho aberto, colete sem mangas e de chinelos.

CORTE

P.A. de FAUSTINO e BAZILIA

JUCA - Bom dia, dona Bazília. Bom dia, moçada. (Bazília e Clara respondem).

FAUSTINO - Homem... que diabo de cara é essa? Parece que passaste mal a noite?

JUCA CAMINHA PARA O GRUPO E ENTRA EM QUADRO.

JUCA - O que tenho é fome e por isso juro que antes do almoço ninguém me arrancará uma só palavra.

BAZILIA - Eu estava só à espera de que você se levantasse, para mandar botar o almoço na mesa. (TOM) Clara, minha filha, avisa a empregada que pode tirar o almoço.

CLARA SE LEVANTA, DEPOIS DE SOLTAR O BORDADO NA MESA E VAI PARA O INTERIOR. LEVA AS CLARAS.

BAZILIA - Juca, queres saber de uma coisa?

• Não te assenta bem esse rosto amarrado assim. Procura desanuviá-lo.

FAUSTINO - Aqui há coisa, mããe. Aqui há coisa.

JUCA - Que coisa pode haver, seu publicista? Sempre com a sua velha mania de imaginar coisas.

FAUSTINO - Ah é? Pois deixe chegar Clara e eu já vou tirar a limpo alguma coisa sobre o baile de ontem.

CLARA VOLTA PARA ONDE ESTAVA, SENTANDO-SE E APANHANDO O BASTIDOR.

FAUSTINO - Clara, você chegou mesmo a propósito, para nos dizer o que terá acontecido com o Juca no baile de ontem, que ele hoje se mostra tão contrariado.

CLARA - Mano Faustino, o senhor Juca está afetado do mal dos ciumes.

JUCA DÁ UM SALTO E VAI PARAR PERTO DE CLARA.

JUCA - Eu com ciumes?! Por que? De quem? Fale de uma vez... diga...

CLARA - Por causa de uma linda Rosa que, ontem à noite, o espinhou cruelmente.

CORTE

P.P. de FAUSTINO, levando um choque tremendo e mostrando seu desagrado.

CORTE

P.A. da CENA

FAUSTINO - Você se refere, mana... a dona Rosinha?

CLARA - Sim. Ela não fez caso dele e o coitado a perseguiu, inutilmente, a noite inteira.

JUCA - (forte) Nego!

CLARA - (forte) Sustento! O senhor Juca tem despeito ao coração e ciume nos olhos.

FAUSTINO - Deve ter, então, também, o diabo no corpo! (gargalha bastante)

BAZILIA - E o ciúme não é negócio de brinquedo. Faz-nos ferver o sangue nas veias e nos arrasta pelas ruas da amargura.

• CLARA - Não é assim, senhor Juca?

JUCA - Ah, dona Clarinha, eu penso que a senhora pode falar de cadeira nesta matéria.

CLARA - Talvez, mas o senhor, de momento, é quem mais está sofrendo dessa enfermidade.

JUCA - Engana-se. Só se pode ter ciúmes quando se ama e eu não amo.

CLARA - Não? E dona Rosinha?

JUCA - Amei dona Rosinha nos seus treze anos: inocente, ingênua e modesta. Hoje não é mais a mesma. Deixou de ser anjo. É presunçosa e tola. Desprezo-a.

CLARA - Responda a uma pergunta que lhe vou fazer, senhor Juca: por que não dansou, ontem sinão uma quadrilha?

JUCA - Porque não quiz.

BAZILIA - Juca, eu reparei muito em você, ontem. Vocês pensam que os velhos não veem nada, mas comigo enganam-se totalmente. Por que estive toda a noite retirado e triste?

JUCA - Bem... confesso que a minha tristeza foi por causa de dona Rosinha, mas que não havia despeito e nem ciúme nessa tristeza.

CLARA - Então que havia?

JUCA - Pena. Quando um homem conheceu uma mulher com a alma cândida, pura e angélica e alguns anos depois encontra-a sem os celestes encantos do tempo da inocência, coração enregelado, prosaico, positivo... esse homem se retira penalizado e melancólico.

JUCA - E foi isso, dona Bazília... apenas isso o que me aconteceu!...

CORTE

P.P. de JUCA, tristonho e sincero

APROXIMAÇÃO até G.P. de JUCA, triste

AUDIO - SUFIXO MUSICAL PARA FIM DO C. AUDIO.

9.1.1

R O S A

Pedidos Luto

ROMANCE DE J.M. DE MACEDO

ADAPTAÇÃO DE ERICO GRAMER

5º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

JUCA..... Gudy Emunds

CLARA..... ~~ROSALINA~~

FAUSTINO..... ~~L. Pires~~

BAZILIA..... Joracy Pinto

ROSA..... ~~ROSALINA~~

ANASTÁCIO..... L.C. Magalhães

UM PAGEM ESCRAVO..... Nelson Silva

Maria Luiza

Cesar Magno

Marlene Rezy

CENÁRIOS:

1º) - SALA DE ESTAR DE DONA BAZILIA

2º) - QUARTO DE VESTIR DE ROSA - (fundo neutro com apliques)

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - Canal 5

SLIDES: (Abertura)

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em: P.P. de FAUSTINO, sentado
na sala de estar, fumando um cigarro

AFSATEMENTO até enquadrar JUCA, fuman
do um cigarro.

CORTE

P.A. de CLARA, na porta com uma ban
deja com duas chicanas de cafezinho

PAN.HOR. acompanha CLARA

CLARA VAI PARA O GRUPO ATÉ ENQUADRAR TODOS.

FAUSTINO - Você almoçou pouco, Juca. E nem
o doce que mãezê fez para sobremesa, você a
preciou devidamente.

JUCA - Como não, Faustino, se até comi duas
vezes?

FAUSTINO - Mas antigamente você comia tres
ou quatro e ainda brigava pelo pouquinho que
ficava no prato.

JUCA - Acontece, Faustino, que quando se pas
sou a noite em claro, nunca se está com toda
a disposição ao dia seguinte.

FAUSTINO - E principalmente quando se passou
a noite sofrendo de ciúmes.

JUCA - E volta você com essa tolice de ciú
mes? Vamos falar de outras coisas.

CLARA - Mano, por favor, o senhor Juca já
havia pedido, ao almoço, que não se falasse
mais em ciúmes.

JUCA - O ciúme é filho da paixão desregrada.
O ciúme é torpe.

CLARA - Não conheço, em realidade, nada que
mais azaste um criatura do que o ciúme. Dona
Laura ontem, por exemplo...

JUCA - O que? Ela estava ciumenta?

CLARA - Mas sem dúvida! Só não percebeu
isso quem não quis.

JUCA - Dona Clarinha, fale-me dessa bela
senhora.

CLARA - Fôr-lhe-ei a vontade se o senhor,
em troca, me falar sobre Dona Rosinha

CORTE

P.P. de FAUSTINO, olhando significativamente para os dois.

CORTE

P.A. dos Tres

JUCA - E o que deseja saber sobre ela?

CLARA - Se teve muito prazer em recordar o seu primeiro amor, quando passeou com ela pelo salão e pelo terraço?.

JUCA -Tive, sim, mas durou pouco o capítulo das recordações porque ela passou logo a me dar lições.

FAUSTINO - (irônico) O que?! O mestre recebeu lições? Que lições?

JUCA - Dona Rosinha ensinou-me a vencer a indiferença de qualquer moça.

FAUSTINO - (irônico) De qualquer? Até mesmo dela? Ensina-me isso, por favor, Juca!

JUCA - É simples. Basta fingir amar outra, aos olhos da ingrata.

CLARA - Isso é velho e de mau gosto.

JUCA - Mas dona Rosinha asseverou que é re médio seguro, porque diz que todas as senhoras são invejosas do amor das outras.

CLARA - Que tola e inconsequente ela! E ainda há quem assevere que ela tem espírito.

FAUSTINO - Ih, a mana Clara ficou como uma brasa.

CLARA - É claro. O que ela disse é um insulto a todas nós. Depois quando eu digo que ela tem o diabo no corpo, não me querem acreditar.

ENTRA DONA BAZILIA DE AVENTALÃO E RECOLHE A BANDEIJA COM AS CHICARAS MAS NÃO CHEGA A VOLTAR.

BAZILIA - O que há que a minha filha está tão exaltada?

FAUSTINO - Minha irmã está indignada na Rosinha porque ela disse ao Juca

CORTE

P.P. de CLARA, indignada

FAUSTINO - (CONT.) das as senhoras são invejosas do amor das outras.

CLARA - Ela viu que o senhor Juca se mostrava despeitado, teve receio de que lhe fugisse esse coração, que ela quer juntar aos dos outros tolos que a festejam, e então ensinou um remédio para ser aplicado a ela mesma.

BAZILIA - Pode ser isso, em verdade.

JUCA - Dona Clarinha... a sua ideia não é de se deitar fora.

CLARA - Pode crer. E se quiser experimente.

FAUSTINO - Não, Não, Juca. Para que fazer isto? Não.

JUCA - E por que não, publicista? Dona Rosinha merece ser castigada e eu vou feri-la com as suas próprias armas. Ela finge amar a todos e a nenhum ama devêras... pois bem, zombaria por zombaria. Vou conquistá-la.

CLARA - E quando começa?

JUCA - Hoje mesmo. Agora. Vou escrever à dona Rosinha. Se fôr bem recebido, começará mais cedo a minha vingança, se desprezado, farei uso da receita que ela mesma me ensinou.

CLARA - Isso mesmo. Mãos à obra.

CLARA SAI DE QUADRO, APANHA TINTEIRO, CANETA E PAPEL

FAUSTINO - Isso não é coisa que se faça. Isso é indigno.

JUCA - Publicista descansa que não pretendo roubar-te a amada; apenas vingar-me dela.

BAZILIA - Que cabeça a desses dois.

BAZILIA SAI DE QUADRO, LEVANDO A BANDEIJA.

CLARA VOLTA, TRAZENDO PAPEL, TINTEIRO E CANETA.

JUCA SENTA E COMEÇA A PENSAR ALTO, ESCRREVENDO

JUCA - Senhora... o fogo de vossos olhos... é como o raio do céu... abrasa num só momento... Eu o sinto... desde ontem à noite... e agora... já não posso mais suportar... o peso da vida... sem a esperança de ser

CLARA - Esplendida!

FAUSTINO - Ridícula!

JUCA - Como todas as cartas de amor.

JUCA ASSINA A CARTA SEM DIZER NADA. DOBRA
O PAPEL E FECHA O ENVELOPE.

CLARA - E agora?

JUCA - Vou vestir-me e sair. Hei de achar al-
gum piedoso Tobias que se encarregue de entre-
gar esta carta. Depois dou um pulo à casa do
meu correspondente. Quero, antes de tudo, di-
nheiro, para trocar o mais republicano dos
paletots pela mais aristocrática das casacas.

JUCA SAI AS DISPARADAS PARA A RUA. ENTRA,
DE VOLTA, DONA BAZILIA.

BAZILIA - Que cabeça de vento que é esse ra-
paz!

FAUSTINO - Hei de descompô-lo no meu jornal,
amanhã.

BAZILIA - Que é isso, meu filho?

FAUSTINO -(colérico) Hei de atacá-lo... insul-
tá-lo... rebaixá-lo e acusá-lo de...

CLARA -(pausa) ... de que? De que?

FAUSTINO - De qualquer coisa que me convenha.
(pausa e tom) Sabe de que? Vou acusá-lo de
comunista.

CLARA - Mas você não pode fazer isso, mano.
Isso é falso. É uma calúnia.

FAUSTINO - Não importa. Estou coerente com os
meus princípios. Não olhar os meios para atin-
gir o fim.

BAZILIA - Qual!... Esta rapaziada de hoje es-
tá toda louca! O que eu vejo é que tanto o de
fora como os de casa o que precisam é de juí-
zo! Juízo é o que está faltando aqui! Juízo!

APROXIMAÇÃO até G.P.de BAZILIA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: P.P. de ROSA, sentada no
tocador de seu QUARTO DE VESTIR -

AFASTAMENTO até P.M. da CENA

DO FUNDO SURGE UM PRETO VELHO QUE SE
APROXIMA DE ROSA, MEDROSO, CUIDANDO OS
LADOS.

PAGEM - Dá licença, nhã-nhã?

ROSA - O que é que tu queres, Totônio?

PAGEM - Eu arrecibi um biête pra mode intre-
gá pra Nhã-nhã e tô com arreceio que a Nhã-
nhã fique burricida com o nêgo véio. A nhã-
nhã sabe que o nêgo num é inxirido, nem faiz
simiante cousa, mode arrecoiê as bôas grácia
de Nhã-nhã, mas o causo é que o rapaiz che-
gô anssim sem o nêgo véio insperá, quando êle
viu tava com o biête na mão. Num teve tempo
de pensá.

ROSA - E quem foi que me mandou esse tal bi-
lhete?

PAGEM - Foi o moço nhô Juca, aquele que é
estudante e que mora na casa da dona Bazía,
nhãnhã. Numsei si é dele o biête, só sei
que foi êle que entregô pro nêgo véio, sim
sinhora.

ROSA - Está bem. Verei o que é.

O PAGEM TIRA A CARTA DO BOLSO DO COLETE E
ENTREGA PARA ROSA QUE EXAMINA O ENVELOPE.

PAGEM - A Nhã-nhã percisa de alguma cousa
ou o nêgo véio pode se arretirá?

ROSA - Podes te retirar, sim, Totônio. Se
precisar de alguma coisa eu chamo.

PAGEM - Ah, Nhã-nhã, o nêgo véio ia se ins-
quecendo de uma coisa: o seu Nastácio mandô
dizê pra sinhora que já são onze hora do
dia e que ele tá esperano a sinhora pra ar-
moçá.

ROSA - Ih, coitado, deve estar morrendo de
fome. E papai?

PAGEM - O seu Maurício num tá em casa

PÁGEM - Saiu e mandou dizê pra nhã-nhã que num vai vim armuça. Que é pra Nhã-nhã armoça com o seu Nastácio.

ROSA - Diz para o tio Anastácio que eu ~~vão~~ já estou pronta e que não demoro. Que se êle quizer pode subir.

PÁGEM - Sim, nhãnhã, o nêgo véio já vai dizê, sim sinhora. Com sua licença, nhãnhã.

O PÁGEM FAZ UMA CURVATURA E SE RETIRA, RESPEITOSO.

ROSA ABRE A CARTA E COMEÇA A LER. SUA EXPRESSÃO VAI SE TORNANDO DURA. ESTÁ RAIVOSA E OFENDIDA.

ANASTÁCIO FALA NO FUNDO DO QUARTO E ELA, VIRANDO-SE, SUBITAMENTE, ESCONDE A CARTA NAS COSTAS, ENCOSTANDO-SE DEPOIS AO PENTEADOR E ESCONDENDO-
A DISFARÇADAMENTE NUMA GAVETA QUE ABRE E FECHA DE COSTAS.

ANASTÁCIO - E então, sua preguiçosa? Sabe que já passam das onze horas?

ROSA - Desculpe, titio.

ANASTÁCIO - Mas o que tens tú que pareces com a fisionomia tão alterada?

ROSA - Nada de maior. Já passou. Uma conta exagerada que a modista me mandou. Mas não tem importância. Meu pai pagará sem discutir.

ANASTÁCIO - Cêro que paga sem discutir. É por isso mesmo que eu vivo a discutir com êle. Onde se viu mandar fazer as coisas sem saber, antes, o preço? Palavra de honra que só aqui na casa do meu irmão é que eu vim encontrar uma coisa destas. Nem ele e nem a filha perguntam o preço de nada. Simplesmente mandam fazer e depois pagam naturalmente as exorbitâncias que lhe pedem.

ROSA - Titio, o senhor está com fome? É verdade?

ANASTÁCIO - Estou, mas quem esperou até agora pode esperar mais um bocado. Não adianta desviar o assunto porque eu voltarei a ele tantas vezes quantas ~~xxx~~ forem precisas para vocês se concertarem.

ROSA - (sorrindo a contragosto) Ih, titio, acho que o senhor irá continuar perdendo o seu tempo. Não conhece aquele ditado que "pau que nasce tôrto, tarde ou nunca se en^u direita?"

ANASTÁCIO - Conheço, mas sou dos que acreditam naquele outro que "não há regra sem exceção." Nunca me conformarei com os gastos exagerados de vocês e hei de falar até que me canse ou consiga convencê-los de que estão a atirar dinheiro fora.

ROSA - Acho mais fácil o senhor cansar, tio Anastácio. Eu sou exatamente como papai: deixo que os outros digam o que querem, mas vou fazendo as coisas como eu quero.

ANASTÁCIO - Isso é teimosia, sabe minha sobrinha?

ROSA - Parece-lhe? Pois há quem diga que é personalidade, meu tio.

ANASTÁCIO - Prefiro acreditar na teimosia. Essa tal de personalidade foi inventada agora para servir de desculpa a muita coisa errada.

ROSA COMEÇA A RIR E VEM ABRAÇAR ANASTÁCIO

ROSA - Bem, meu tio, muito pouco adiantamos em estarmos a discutir. Cada um de nós tem um ponto de vista e uma forte personalidade. Portanto... dificilmente um conseguirá que o outro abandone a sua posição. O senhor deve estar morrendo de fome e eu confesso que também começo a senti-la. Pode ir des

ROSA - (CONT.) descendo e sentando na mesa que eu vou trocar os sapatos e desço em seguida.

ANASTÁCIO - Está bem, mas vê se não levas aí meia hora para trocar os sapatos.

ROSA - Não senhor. Garanto que quando o senhor se sentar à mesa eu já estarei descendo as escadas.

ANASTÁCIO DÁ AS COSTAS E SOME PELO FUNDO. HA UMA PAUSA EM QUE ROSA FICA A OLHAR PARA ONDE ELE SAIU. DÁ DEPOIS UNS PASSOS PARA O FUNDO, AFIM DE OBSERVAR BEM SE ELE REALMENTE FOI EM BORA. ISTO FEITO, CORRE À GAVETA ONDE ESCONDEU A CARTA DE JUCA E, ABRINDO-A, APANHA A CARTA NOVAMENTE. TORNA A LER. FINDA A LEITURA, ELA COMENTA, FECHANDO A FISIONOMIA

ROSA - Quem sabe se esta manhã não mandou ele à dona Laura uma outra carta igual a esta que me escreveu?

FAZ O GESTO DE RASGAR A CARTA MAS NÃO O FAZ.
VAI ATÉ AO FUNDO E SE INCLINA PARA BAIXO, CHAMANDO.

ROSA - Totônio! Totônio! Suba aqui um momentinho.

ROSA VOLTA PARA O TOILETE, SENTA-SE, DOBRA NOVAMENTE A CARTA E COLOCA-A NUM ENVELOPE QUE SUBSCRITA.

ROSA - Não posso acreditar nesta carta. Não posso!

SURGE TOTÔNIO, DO FUNDO, ESFORÇANDO-SE POR ANDAR DE PRESSA.

PÁGEM - A Nhã-nhã chamou o nego véio?

ROSA - (seca) Chamei. Segura esta carta.
O PÁGEM RECEBE A CARTA QUE ELA ENTREGA.

ROSA - Se uma outra vez te encarregares de fazer o que fizeste hoje, fica sabendo que direi a meu pai, para te fazer castigar como mereces.

APROXIMAÇÃO até G.P. de PÁGEM.

PÁGEM - Tá bem, Nhãnhã. Nego véio
AUDIO - SUFIXO MUSICAL.

[Handwritten signature]

Pedidos feitos
[Handwritten signature]

R O S A

ROMANCE DE J. M. de MACEDO, -EM
ADAPTAÇÃO DE ERICO GRAMER. -

6º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

JUCA..... Gudy Emunds
CLARA..... ~~Diana Maclovina~~ *Maria Luiza*
•• D.BAZÍLIA..... Joracy Pinto
FAUSTINO..... Cesar Magno
JULIANA..... Linda Gay
LAURA..... ~~Marlene Kory~~ *Maria Helena*

CENÁRIOS:

1º - SALA DE ESTAR DE DONA BAZILIA
2º) - SALETA ANTIGA DE D.JULIANA (NOVO)

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: (abertura)

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em: DET.de RELOGIO ANTIGO,
na parede da SALA DE ESTAR DE DONA
BAZILIA, marcando cinco para o meio
dia.

AFASTAMENTO até P.G. da CENA, vendo-
se, sentados, D.BAZILIA, lendo, FAUS-
TINO cochilando numa cadeira com as
pernas na outra e CLARA bordando.

BAZILIA - O Juca já terá almoçado por aí,
ou virá ainda em casa? Não avisou nada...

CLARA - Se vier, ele mesmo vai aquecer o
almoço e servir-se, porque eu não vou aten-
der a ninguém fora de horas.

BAZILIA - Eu atendo, não se preocupe.

CLARA - É por isto que êle abusa. A senho-
ra não diz nada e ainda o atende com sorri-
sos...

BAZILIA - Mas minha filha êle não é um hós-
pede gratuito. É um pensionista. Ele paga.

CLARA - O que não o impede de respeitar os
horários da casa. Si ele fosse morar numa
pensão, teria que se sujeitar a um regulamen-
to, a senhora não acha? Portanto...

BAZILIA - Mas justamente por essas coisas é
que êle preferiu pagar um pouco mais e ficar
em nossa casa.

CLARA - Um pouco mais que no fim resulta em
menos, porque a senhora manda lavar a roupa
dele, costura-lhe as camisas,, prega-lhe
os botões... Dá-lhe um alimento à noite que
as pensões não dão... enfim, ele tem aqui
uma série de vantagens por questão de cinco
mil reis.

BAZILIA - Você fala em cinco mil reis como
se falasse em cinco vintens. Veja bem tudo
que se pode comprar com essa...

JUCA ENTRA DA RUA, DEPRESSA, ALEGRE, FALANDO,
INTERROMPENDO DONA BAZILIA, RISONHO E FELIZ

JUCA - Óra viva a minha boa e querida do
na Bazília, anjo tutelar da minha vida solta
por esse mundo de Deus! Viva dona Clari-
nha! E viva o Ilustre publicista!

FAÚSTINO QUE ESTÁ COCHILANDO, ABRE OS OLHOS,
SONOLENTO, VE QUE É JUCA E TORNA A FECHA-LOS
SEM LIGAR A MENOR IMPORTANCIA E SEM RESPONDER
A SAUDAÇÃO DO RAPAZ. D. BAZILIA, AO TEMPO QUE
FALA TENTA SE LEVANTAR DA CADEIRA, MAS JUCA
A IMPEDE, OBRIGANDO-A A SENTAR-SE NOVAMENTE.

BAZILIA - (tentando levantar-se) Já sei.
Inda não almoçou e está com uma fome dana
da; não é isto?

JUCA - (impedindo-a) Não, não... Fique sen-
tada onde está. Já almocei, sim.

BAZILIA - Ah sim? Mas você parece que viu
passarinho verde, rapaz? Está tão alegre.
O que é que há?

JUCA - Encontrei o meu correspondente, re-
cebi a mesada e comprei uma casaca nova
que já deixei lá no quarto.

CLARA - Isso não nos interessa, eu quero
saber da carta de dona Rosinha.

JUCA - A carta de dona Rosinha já mandei
entregar.

CLARA - E a resposta?

CORTE

P.A. de FAUDTINO, abrindo os olhos e
prestando atenção.

CORTE

P.A. de JUCA, CLARA e BAZILIA

JUCA - Bem... ainda é muito cedo para se
saber uma resposta.

BAZILIA - Já escolheu a moça com quem há de
meter ciumes em dona Rosinha, Juca?

CLARA - Óra, mãe, é Laura, quem é que não
sabe? Além de ser a melhor amiga de Rosi-
nha, baba-se toda pelo senhor Juca.

JUCA - Mas eu não vou fingir que gosto de dona Laura. Eu gosto realmente dela.

BAZILIA - Pois então conte-nos alguma coisa a respeito da sua paixão por essa senhora. .

JUCA - Mas isso é quasi uma traição que eu faço à pobre moça. Não me parece muito correto.

CLARA - Ora vamos, senhor Juca! Para que tantos escrúpulos? A quantas amigas não terá ela confiado esse mesmo segredo?

JUCA - Bem... realmente assim deve ter acontecido. As mulheres, e geralmente as moças, quando se trata dos seus bem-amados, não conseguem guardar só para elas os seus sentimentos. Não há mal, portanto, que eu revele a minha parte a amigos.

CORTE

P.A. de FAUSTINO, prestando atenção mas sem sair da posição que está.

CORTE

P.A. de BAZILIA, CLARA e no fundo FAUSTINO.

CLARA - Vamos, então. Conte-nos tudo e depois hei de lhe servir um cafésinho.

JUCA - Feito. Para iniciar a minha narrativa faz-se mister que eu declare que gosto realmente de dona Laura.

CLARA - O senhor já disse isto. Escusava repetir. Diga-nos se ela gosta do senhor.

JUCA - Óra, dona Clarinha, francamente! Eu penso que não sou peça tão ordinária, que me desprezem assim sem mais nem menos. Penso que ela gosta de mim... e não é pouco.

FAUSTINO RESOLVE LEVANTAR E VEM PARA O GRUPO.

FAUSTINO - Tens provas disto?

JUCA - Tenho.

FAUSTINO - Que provas?

JUCA - Flores murchas... uma trança de cabelos... e cartinhas perfumadas.

FAUSTINO - Bonito! E ela escreve bem?

JUCA - É da escola ultra-romântica. Em cada uma das suas cartas fala dez vezes em morte, abismo, veneno, punhal, fúrias do inferno e maldição.

FAUSTINO - (rindo) Upa! A menina é uma literata sentimental.

JUCA - É adorável!

CLARA - Que monstros! Que monstros! Fingem morrer de amor pela gente e depois divertem-se à nossa custa.

BAZILIA - No meu tempo não se viam coisas tão feias, como agora.

FAUSTINO - Mas a verdade é que tú, ao princípio, não gostavas de dona Laura.

JUCA - E o que importa isso? Gostei depois.

CLARA - Mas vamos, senhor Juca, conte-nos: é muito velha essa sua paixão?

JUCA - Quasi caduca. Uma paixão de tres anos é um milagre de constância; não acham?

CLARA - Realmente, principalmente tratando-se do senhor.

BAZILIA - Bem, mas deixem o Juca contar do romance. Vocês falam, falam, ele não chega a contar.

JUCA - Bem, lá vai, então o meu romance. Ouçam: quando chegamos ao Rio de Janeiro, eu e um outro colega, procuramos, no Jornal do Comércio, uma casa de família que nos alugasse um quarto. Encontramos uma que, por desgraça, era de uma senhora viúva e velha. Digo "por desgraça" porque assim como o gato é inimigo do rato e o lobo da ovelha, assim também a velha é inimiga do estudante. D. Juliana benzeu-se quando soube que eramos estudantes, mas tantas e tais promessas lhe fizemos que ela acabou capitulando.

FAUSTINO - Mal sabia ela a víbora que bota
va para dentro de casa.

BAZILIA - Deixa os apartes, Faustino, sinão
ele não termina.

JUCA - Lá moramos tres anos, ocupando o se
gundo andar e dona Juliana o primeiro. Um
dia a neta, dona Laura, não sei porque carra
dagua, veio morar com ela. Era um perfeito
jaboty e eu comecei logo a me sentir empol-
gado.

CLARA - E dona Juliana não se opoz a que
você conquistasse a neta?

JUCA - Não, porque eu comecei a usar a tática
de namorar ao mesmo tempo a velha. Lembro-
me perfeitamente como agia...

AUDIO - MÚSICA RETROSPECTIVA.

DESFOQUE

- DAQUI PARA DIANTE A DESCRIÇÃO DE JUCA É GRAVADA
E ELE SE APRESENTA COM UM CASACO DIFERENTE. AS
CENAS QUE SEGUEM SÃO DE MÍMICA, APENAS CORRES-
PONDENDO AS NARRAÇÕES FEITAS.

FOCALIZA em: P.A. de JULIANA e LAU
ra sentadas num mesa redonda, emba
ralhando as cartas. HÁ UMA CADEIRA
VAGA entre as duas na qual depois
Juca entra e senta-se para jogar.

JUCA - (Voz gravada) Todas as noites, dei-
xava de sair para jogar a bisca com elas.
Dona Juliana ficava satisfeitiíssima e prin-
cipalmente porque - dizia ela - eu lhe da-
va muita sorte no jogo. Mal sabia ela que
eu lhe espiava as cartas, para lhe dar, jus-
tamente, aquelas que estavam na minha mão
e que lhe podiam servir. E enquanto dona
Juliana, empolgada pelas cartas, descuida-
va-se da neta, eu, fingindo querer roubar
as cartas de Laura, aproveitava a ocasião
para prender-lhe as pontas dos dedos, que

JUCA - (CONT.) ela, nervosamente, fingia querer desprender depressa. Uma coisa que muito me satisfazia era quando a vizinha de dona Juliana começava a gritar por ela no corredor e ela, depois de botar a mão na orelha, para certificar-se de que realmente a chamavam, soltava as cartas, arrumadinhas em leque, sobre a mesa e saía para fora da sala, afim de atender a vizinha. Nestas ocasiões, sob o pretexto de dizer-lhe um segredinho, eu me aproveitava da oportunidade para roubar-lhe um abraço, ao qual, também, ela fingia querer se esquivar. Um dia, numa dessas ocasiões, cheguei mesmo a beijar-lhe as pontas dos dedos, o que a escandalizou de tal forma que chegou a levar as duas mãos ao rosto. Pedi-lhe que descobrisse a impetuosidade do meu temperamento, ao que ela não teve tempo de responder, pois dona Juliana voltava para a sala. Naquela noite, lembro-me que a boa velhota, antes de sentar-se para recomeçar o jogo, ainda me serviu um copo de excelente vinho do porto que ela tinha sempre em casa para as grandes ocasiões. Em agradecimento pela grande deferência que ela me fazia, no momento em que ela colocou o cálice na minha frente, lembro-me que lhe peguei a mão e depositei nela um beijo de agradecimento. Dona Juliana ficou tão encantada com o meu procedimento, que não pôde deixar de passar-me a mão sobre os cabelos para depois sentar-se, toda risonha e enternecida. Naquela noite, com aquele gesto, eu acabei de conquistá-la definitivamente.

AUDIO - MUSICA RETROSPECTIVA

DESFOQUE

FOCALIZA EM: P.A. de ~~JUCA~~, OLARA, BAZILIA
e FAUSTINO, na cena anterior.

ATÉ QUE JUCA TENHA TROCADO O CASACO E SE COLOQUE NO LUGAR DETERMINADO, OS TRES PERSONÁGENS FOCADOS DEVEM FALAR PARA A CÂMERA, COMO SE JUCA ALI ESTIVESSE, DEFRONTE A ELES.

BAZILIA - Dona Juliana, então, deve ter ficado muito desiludida, por você não ter dançado com Laura, no baile.

CLARA - Não ter dançado ainda não é tudo. Só ter dançado com Rosinha, o que é muito pior.

FAUSTINO - E o que prova, também, que a paixão por Dona Laura não era assim tão veemente!

CLARA - É claro. E se fôsse, ele não teria sujeitado a pobre moça ao vexame que sujeitou. Antes da Rosinha chegar, só deu atenção a ela, depois que Rosinha chegou, esqueceu-a completamente, a ponto de convidada, por despeito, ser obrigada a convidar o Comendador Sancho para um passeio pelo salão.

AFASTAMENTO até enquadrar JUCA, de costas para a câmera e diante do grupo todo.

JUCA - Mas dona Rosinha havia sido a minha primeira namorada, tinha, portanto, o direito de antiguidade.

BAZILIA - Quando eu digo que esses rapazes são tremendos e que a moça que se preza não deve acreditar em nada que eles dizem...

CONTRA REGRA - BATEM PALMAS AFASTADAS.

CLARA - Tem gente aí.

BAZILIA - Você quer ver quem é, minha filha?

CLARA - Ah, mãe, eu estou tão bem sentada... Manda-se entrar que é melhor.
(para longe) Entre.

BAZILIA - Você não quiz sair daqui, para não perder nada do assunto, mas seja lá quem fôr que entre aqui, vai interromper da mesma forma.

CLARA - Não é por isso, não, mããe. É que depois do almoço eu não sinto vontade de me movimentar. Prefiro estar quieta.

ENTRA EM QUADRO, VINDO DA RUA, O NEGRO TOTÔNIO, TRAZENDO NA MÃO UM BILHETE. DIRIGE-SE A JUCA.

PAGEM - Boa tarde pra sunceis, tudo.

TODOS - Boa tarde.

PAGEM - A sinhora dona Bazia dá licença que eu dê um recado que eu trouxe pro seu Juca que a Nhãnhã mandou?

BAZILIA - Podes dar, Totônio.

PAGEM - A Nhãnhã mandô pidim pra sunce arrece bê isso de volta.

JUCA OLHA PARA O BILHETE. PARA UM POUCO E DEPOIS SEGURA-O.

JUCA - Está bem, Totônio, está entregue.

PAGEM - Entonce... ca licença de sunceis tudo

JUCA SAI, DEPOIS DE FAZER CURVATURAS A TODOS. JUCA FICA PARADO COM O BILHETE NA MÃO.

CLARA - E então? Não vai ler a resposta, senhor Juca?

JUCA ABRE O BILHETE E SEUS OLHOS BRILHAM.

JUCA - Ela mandou de volta a minha carta... mas escreveu qualquer coisa nas entrelinhas. (lendo) Senhor: não quero conservar uma carta que vos faria perder muito no meu conceito. Em outros tempos fostes generoso, devo crer que o sois ainda, e que portanto estareis profundamente arrependido de me haverdes feito corar diante de um meu escravo. Quanto ao amor que me ofereceis, penso que o podereis empregar em outra que mais o mereça e que saiba melhor corresponder-vos.

FAUSTINO - (entusiasmado) Bravo! Muito bem!

Gostei de ver!

CLARA - (ódio) Que hipocrisia refinada, a
daquela sonsa!

BAZILIA - E agora, Juca? Que pensa fazer,
diante disto?

JUCA - Lançar mão do remédio que ela mesma
me ensinou. Vou procurar requestar dona
Laura, na presença de dona Rosinha!

APROXIMAÇÃO até G.P. de JUCA, contido.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

R O S A

ROMANCE DE J.M. de MACEIO

EM ADAPTAÇÃO DE ERICO CRAMER.

7º CAPÍTULO

MAURICIO..... Nelson Gianuca
ANASTÁCIO..... L.C. Magalhães
ROSA..... ~~Rosa Maria~~ Marlene Rery
COMENDADOR SANCHO..... Júlio Cesar
DONA IRENE..... ~~Liliana Maria~~ Dora Gonçalves
LAURA..... ~~Marlene Rery~~ Maria Mátia
JULIANA..... Linda Gay
PÁGEM..... ~~Nelson Silva~~ ODILON
1ª FIGURANTE..... ~~Hábito J. Carvalh~~ (Os figurantes ho
2ª FIGURANTE..... ~~Tríplic Nilo Jery~~ mens devem ser to
3ª FIGURANTE..... ~~J.C. Stabile~~ ~~Reino~~ dos velhotes).
1ª FIGURANTE (Moça)..... ~~Reino~~ Miriam Teixeira

CENÁRIO:

1ª) - A MESMA SALA DE VISITAS DE MAURÍCIO DAS CENAS ANTE
RIORES, APENAS LIGADA A DIREITA, POR PEQUENO ARCO,
ao terraco
~~UMA SALA~~ ONDE OS HOMENS JOGAM.

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

ABERTURA em: DET de mãos embaralhan
do cartas e distribuindo-as aos par
ceiros. São, ao todo, quatro jogado
res em volta de uma mesa redonda.

AFASTAMENTO até P.G. dos jogadores

MAURICIO - Eu só pude salvar o sete belos
na última jogada. Estava vendo que ia ser
obrigado a botá-lo em cima da mesa.

FIGURANTE (1ª) E eu não ia poder retirá-lo,
porque na hora que a gente precisa das da
mas, é quando elas falham.

MAURICIO - Mas eu tenho a impressão que o
senhor Rafael não tem o direito de se quei
xar das damas.

FIGURANTE (2ª) Bem, quer dizer... na vida real
efetivamente não, mas nas cartas...

FIGURANTE 2ª - Ele se queixa sem justa causa
porque está ganhando.

MAURICIO - Mas é sempre assim. A humanida
de é muito ingrata. Está recebendo dádivas
e está maldizendo.

ENTRA O PÁGEM ESCRAVO COM QUATRO COPINHOS
DE VINHO DO PORTO QUE COLOCA A FRENTE DE
CADA UM DOS JOGADORES, SEM DIZER PALAVRA.

MAURICIO - Muito bem, ~~mas não~~ ^{Damado}, isso mesmo.

A gente precisa de alguma coisa que reative
as energias, para continuar perdendo. Aliás,
em minha casa, eu prefiro sempre perder, pa
ra que os convidados não tenham o direito de
queixar-se do anfitrião.

3ª FIGURANTE - É realmente de bom tom, o do
no da casa perder, mas ao parceiro é que não
se torna agradável jogar com um dono da casa
que pense assim.

MAURICIO - Bem, mas eu devo esclarecer que
não faço nada para perder. Isto se ele

MAURÍCIO - (CONT.) alidade ao parceiro. Eu apenas não me aborreço se a sorte não me favorece.

-FIGURANTE 2º - Ah bem, do contrário o senhor não me teria, nunca, como parceiro na sua casa.

TODOS RIEM COM ESTARDALHAÇO.

CORTE

P.A. de um Grupo formado por ROSA, ANASTÁCIO, IRENE, COMENDADOR E DUAS FIGURANTES.

O GRUPO CONVERSA E RI A UM CANTO DA SALA.

IRENE - O grupo de jogadores está bem animado. Estão ouvindo?

ROSA - Deve ser alguma graça do senhor Perciliano, que as está sempre fazendo.

ANASTÁCIO - Ele já se convenceu que é engraçado e então procura, a todo momento, mostrar as suas habilidades de fazer rir. Talvez ficasse melhor, situado num circo de cavalinhos.

ROSA - Oh, titio, francamente! Que irreverência!

COMENDADOR - O senhor Anastácio é contrário a que cada um exhiba as suas habilidades.

ANASTÁCIO - (positivo) Sou. Detesto o exibicionismo.

COMENDADOR - Que dirá, neste caso, das senhoras que exibem, com tanta graça, a sua beleza pelos salões?

ANASTÁCIO - Que as senhoras têm passaporte livre para ~~estas~~ futilidades. São próprias do sexo. Mas os homens... francamente! Nem sei o que pensar deles.

IRENE - Muito bem, seu Anastácio, muito bem. Chamam-no de "roceiro" (olha significativamente para Comendador a quem não suporta) mas o senhor pensa nele e

IRENE - (CONT.) "muita gente da cidade".
O COMENDADOR OLHA PARA ELA COM RAIVA E SE
MEXE NA CADEIRA SEM DIZER NADA.

COMENDADOR - Eu não sei se já perceberam,
como eu, que a senhora dona Irene está sem-
pre solidária com o senhor Anastácio, seja
qual for a causa que ele defenda, ou a acu-
sação que formule.

IRENE - (queimada) O senhor está querendo
dizer com isto, Comendador, que eu não te-
nho opinião própria e que sigo, de olhos
fechados, os conceitos do senhor Anas-
tácio; não é isto? Pois admira-me bastante
que conhecendo-me, desde os tempos de colé-
gio, como me conhece...

O COMENDADOR FICA ENJOADO COM A REFERENCIA AO
COLEGIO E SE REMEXE TODO NA CADEIRA.

... que ainda pretenda
investir contra a minha personalidade, pre-
tendendo fazer constar que não a tenho,
quando sabe, muito bem, que a possuo e bem
marcante. Se desejar que lhe refresque a
memória - para que se convença do que
afirmo - poderei citar algumas passagens
curiosas da nossa infância onde a minha
personalidade ficou claramente demonstrada.
Quer?

COMENDADOR - Óra, óra, dona Irene... por fa-
vor... em que podem interessar, aos presen-
tes, fatos perdidos lá na sua longinqua mo-
cidade?

IRENE - O senhor dirá melhor se disser:
na nossa longinqua mocidade. Sim, porque
eu aceito a carapuça de "velha", mas não a
enfio sózinha, Isso não. O senhor há de en-
fiá-la comigo. Pois se fomos colegas na Es-
cola de dona Inocência, no Jardim

COMENDADOR - Isso quer dizer muito pouco, senhora dona Irene. Com vinte anos, na Faculdade, eu era colega de rapazinhos de quinze e homens de quarenta.

IRENE - Mas acontece que dona Inocência só admitia a permanência dos alunos, na sua aula, até aos doze anos. Lembra-se desse detalhe? Talvez não se lembre, mas eu não o esqueci, como não me esqueci, também, que saímos, por completar a idade limite, no mesmo ano. Estamos, portanto, com...

COMENDADOR - (levanta-se e corta) Óra, óra, senhora dona Irene! Francamente! Eu não vejo nenhuma razão para estarmos a discutir uma coisa tão sem importância e que em nada interessa aos que nos cercam. Olhe para o senhor Anastácio, por exemplo, e veja como ele está quasi a bocejar de sono.

ANASTACIO - De maneira nenhuma! Acho que o assunto está interessantíssimo e estou até me divertindo bastante com ele. E admirando a coragem de dona Irene. Se o Comendador não a tivesse interrompido, ela ia dizer a idade dos dois.

IRENE - Isso não obsta. Posso dizer, a qual quer momento.

ANASTACIO - (assanhado) Diga... diga...

ROSA - (sorrindo) Não, dona Irene, não diga. Ficaremos, depois, obrigados a revelar a idade de todos e eu não gosto que saibam que já tenho vinte anos feitos.

TODOS RIEM COM VONTADE.

CORTE

P.M. da turma que está jogando.

O PÁCEM ESCRAVO ESTÁ RECOLHENDO OS CALICES DE CIMA DA MESA E BOTANDO OUTROS CHEIOS NO LUGAR DOS VASIOS.

MAURICIO - Isto, Totônio, não te descuida. Agora que estou ganhando, devo dar, pelo menos, uma compensação aos que perdem.

PÁGEM - (rindo, discretamente) É sim sinhô, seu Maurício. Daqui um mucadinho mais vem umas cocadinha e depois o chá.

O PÁGEM, TROCADOS TODOS OS COPOS DA MESA,
SE RETIRA DE QUADRO EM DIREÇÃO A SALA

MAURICIO - Nesta última partida levamos uma vantagem grande de pontos.

FIGURANTE (2º) Levamos, sim.

FIGURANTE (1º) Nós estamos jogando com um azar tremendo.

FIGURANTE 3º - Não faz mal. Diz que quando a gente não tem sorte no jogo tem nos amores...

FIGURANTE 2º - Uma coisa compensa a outra.

MAURICIO - Acontece que a sorte nos amores, depois de uma certa idade, prejudica as reservas dos nossos cofres e aí me parece que não compensa.

RIEM TODOS COM MUITA ALEGRIA.

CORTE

P.M. do GRUPO da SALA, com PÁGEM
incluído.

O PÁGEM OFERECE UMAS COCADINHAS NUM PRATO OU
NUMA FRUTEIRA, DE PREFERENCIA.

ROSA - Proponho que se termine de falar em idades e se escolha um outro assunto. Falemos, por exemplo, sobre moças e bailes. Concordam?

COMENDADOR - (desafogado) Sobre moças e bailes, muito bem, muito bem. E estão aqui, efetivamente, belas moças, belas moças.

ROSA - E deve chegar, ainda, uma outra não menos bela senhora, que enche de interesse os olhos do nosso Comendador.

COMENDADOR - Quem é?

ROSA - Dona Laura.

COMENDADOR - (interessado) Ela mandou dizer que vinha?

ROSA - Não, mas embora esteja tardando, conto, como sempre, com a sua presença na minha reunião.

COMENDADOR - A senhora a preveniu, antecipadamente? ~~xxxxxx~~

ROSA - Não, mas sei que ela sabe.

COMENDADOR - Mas então não virá.

ROSA - Há de vir, o senhor vai ver.

IRENE - Não creio. Se ela não foi avisada, estou certa que não virá.

ROSA - Não de ver que virá.

COMENDADOR - Pois eu aposto que não vem.

Estive esta manhã em sua casa e achei-a tão caída que me fez vontade de chorar.

ROSA - O senhor aposta? E quanto aposta, vamos ver?

COMENDADOR - Dois abraços.

ROSA - Não. Dois abraços lhe darei eu se perder. O senhor... o senhor andará três meses sem comenda.

TODAS RIEM E APLAUDEM ROSA. O COMENDADOR LEVA LOGO A MÃO À COMENDA E FALA SEM TIRA-LA.

COMENDADOR - Rogo-lhe que observe que a Comenda é uma coisa muito séria...

ROSA - Foge, então?

COMENDADOR - Não, não... fugir não fujo...

ROSA - Pois então?...

COMENDADOR - (decidindo-se) Está feita a aposta, minha senhora.

ANASTÁCIO - (para Irene) Não há dúvida que esse homem tem um ninho de mosquitos nos miolos.

COMENDADOR - Tenho certeza absoluta de que dona Laura não virá por não ter sido avisada.

CORTE

P.P. de ANASTÁCIO, sacudindo a cabeça.

CORTE

P.M. do GRUPO

CORTE

P.A. de PÁGEM

PÁGEM - A senhora dona Juliana e a senhora dona Laura.

ALGAZARRA DE TODOS E GRITOS DE "PERDEU, PERDEU!".

CORTE

P.A. de MAURÍCIO, distribuindo cartas

MAURÍCIO - O Grupo da sala começou a se animar. É sinal que estão todos alegres.

FIGURANTE (1º) - Garanto que o Comendador e que está a fazer graças.

MAURÍCIO - É admirável o espírito desse homem, na idade em que ele se encontra.

FIGURANTE 2º - Si ele ouvisse o senhor dizer uma coisa destas...

MAURÍCIO - Tinha um chilique na mesma hora, ou cortava as relações comigo.

RIEM TODOS MUITO ALEGREMENTE

CORTE

P.M. DA CENA DA SALA, VENDO-SE, agora, dona Juliana sentada, abanando-se e LAURA, De pé, conversando com ROSA.

JULIANA - Laura queria vir, por força. Procurei evitar, ~~que viesse~~, mas não houve jeito. Discutiu e até brigou comigo, porque queria ~~ir~~ comparecer ao serão de Rosinha. Elas sempre foram tão amigas... resolvi deixar.

IRENE - É verdade, sim. Elas sempre foram muito amigas. Onde andava uma, andava a outra.

JULIANA - (para Rosinha) Dona Rosinha, a senhora não tem uma amiga que lhe queira mais do que a minha neta. Apesar de um ataque de palpitações que teve hoje, insistiu tanto em vir, que eu estou receosa da imprudência que cometi concordando em trazê-la.

ROSA - Acredite, senhora dona Juliana, que eu não fico a dever nada à sua neta e tão amiga sou de Laura e tão bem a conheço, que apostei como ela deveria vir aqui em casa esta noite.

IRENE - É verdade. Dona Rosinha teria perdido dois abraços do Comendador Sancho, se a senhora não viesse.

LAURA - Ah, sim? E o que perdeu o Comendador?

ROSA - Ven comigo que te vou dizer.

SAEM AS DUAS DE QUADRO, POSTANDO-SE A UM CANTO

JULIANA - (meio tom) O Comendador parece tristonho. Que há com êle?

IRENE - Vai ter que deixar de usar a comenda durante tres mezes, em razão da aposta com Rosinha, e naturalmente essa ideia o está torturando.

JULIANA - (meio tom) Tambem a Rosinha exige demais dos amigos. Todos os dias eu digo isto à minha neta e ela ainda zanga comigo. Aí está uma prova do que digo. Isso não é aposta que se faça para um homem vaidoso como o Comendador Sancho. Chega a ser maldade.

IRENE - Pois quer saber de uma coisa, senhora dona Juliana? Eu só lastimo que Rosinha não ter exigido que ele ficasse em casa durante tres mezes e mandasse aos bailes apenas a condecoração.

RIEM TODOS OS QUE ESTAO PROXIMOS, COM VONTADE.

CORTE

P.A. de ROSA e LAURA

LAURA - Rosinha, tú precisas contar-me alguma coisa; não é verdade?

ROSA - Não. Eu não tenho segredos. Nunca os tive.

LAURA - Pois queres que te diga por que desejava a minha visita?

ROSA - Desejava, não, Laura. Eu contava com ela.

LAURA - Rosinha, tú és, na verdade, uma rosa.

ROSA - Sim? Mas por que o dizes?

LAURA - Porque sobretudo tens espinhos.

ROSA - Oh, Laura, fazes-me temer que sem pensar, tenha eu chegado a espinhar-te. Mas me

ROSA - (CONT.) perdoaria, se tivesse sido a causa das tuas palpitações esta manhã...

LAURA - Óra, vamos... nem vale a pena se falar nisto. Mas eu queria vir realmente esta noite, porque sabia que tú tinhas um perdão a pedir-me e um segredo a confiar-me

ROSA - Mas que estranha coincidência! Sabes que eu contava contigo pelas mesmas razões? Mas com uma diferença, apenas.

LAURA - Qual?

ROSA - Supunha que era eu quem deveria dar o perdão e ouvir a confidência.

LAURA - Vejo que não nos compreendemos.

ROSA - Ao contrário, Laura. Estamos nos entendendo às mil maravilhas.

LAURA - Pois então falemos com franqueza, Rosinha. Eu, de minha parte, não receio explicação alguma.

ROSA - Nem eu. Vamos então começar o ajuste de nossas contas.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSINHA, com a fisionomia ativa e desafiadora.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL.

9/12/79
Me

R O S A

Pedidos feitos
Daurif

ROMANCE DE J.M. de MACEDO, NUMA
ADAPTAÇÃO DE ERICO CRAMER. -

8º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

MAURÍCIO..... Nelson Gianuca
ANASTÁCIO..... L.C. Magalhães
ROSA..... ~~Marlene Terry~~
COMENDADOR SANCHO..... Júlio Cesar
DONA IRENE..... ~~Elza Maria~~ *Diva Gonçalves*
LAURA..... ~~Maná~~ *Kátia*
JULIANA..... Linda Gay
PÁGEM..... Nelson Silva
1º FIGURANTE - velhote - ... ~~Camilla Calveira~~
2º FIGURANTE - " ... *Nilo Jaque*
3º FIGURANTE - " ... ~~Leandro Romero~~ *J.C. Stabile*
~~JUQUÍ~~..... ~~Judy Erondis~~

CENÁRIO:

(Sardinha de inverno)
1º) - A MESMA SALA COM ~~ALDEIA DE JOÃO~~ DO CAPÍTULO ANTE
RIOR - (CASA DE MAURÍCIO).

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: (Abertura)

ABERTURA em: P.A. de ROSA E LAURA, num canto da sala, isoladas dos outros, conversando.

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

LAURA - Estou vendo que não nos compreendemos, Rosa.

ROSA - Ao contrário, Laura, estamos nos entendendo às mil maravilhas.

LAURA - Pois então falemos com franqueza, Rosinha. Eu, de minha parte, não receio explicação alguma.

ROSA - Nem eu. Vamos; então, começar o ajuste de nossas contas.

LAURA - (depois de pausa) Outro dia, quando entraste no baile, encontraste-me passeando e conversando com um mancebo que te é caro e por isto fizeste mau juízo a meu respeito. Acreditaste ver em mim, em vez da amiga uma rival.

ROSA DÁ UMA RISADINHA DE QUEM DUVIDA DO QUE OUVIU

LAURA - E eu, que adivinhei tudo, corri a livrar-te desse martírio da dúvida. Vim dizer-te que te enganaste, Rosinha, que eu não pretendo nada e que só desejo aplaudir a tua felicidade.

ROSA DÁ UMA RISADA CRISTALINA, SEM EXAGERO.

LAURA - (desapontada) Mas então tú te ris?

ROSA - Sim, Laura, rio-me dessa tua imensa franqueza e rio-me, também, da minha má cabeça e do meu pouco juízo: realmente fui muito injusta contigo.

LAURA - Ainda bem que o reconheces.

ROSA - Claro! Julgar-te capaz de te levantares como impecilho à minha felicidade e me disputares a posse do mancebo que eu amo!

LAURA - (amarga e contida) Ah, então cont

ROSA - Mas espera... para compreenderes bem até que ponto fui má, escuta-me ainda. Vou dizer-te a razão porque contava com a tua visita:

LAURA - Diz.

ROSA - (rindo) Julgava-te minha rival e escava desse mau pensamento; cheguei a pensar que virias para observar-me, ou ouvir dos meus lábios a confissão do meu amor.

LAURA - (irritada, mas contida) Como eu pensava também.

ROSA - E também porque esperavas encontrar aqui o senhor Juca, que nos honra com a sua amizade.

PERMANECEM AS DUAS EM SILENCIO, RESPIRANDO COM CERTA ANCIÉDADE. LAURA? NERVOSA, MEKE CONSTANTE MENTE O DEDÃO NAS MÃOS, QUASI RASGANDO-O. ROSA OBSERVA-A EM SILENCIO, OLHAR PRESERUTADOR/.

LAURA - (depois da pausa) Devias ter tido confiança em mim. Sempre fomos amigas.

ROSA - Ah, não, Laura. Sou obrigada a confessar que, em segredos de amor confio tão pouco em ti como em qualquer outra que me seja indiferente. Amigas, amigas... negócios à parte.

LAURA - Muito agradecida. Para julgares o meu coração vais para a frente de um espelho olhar o teu?

ROSA - Vejo que te agastas comigo, Laura, mas olha que não tens razão. Escuta: o que eu te disse até agora foi tudo por gracejo. Descansa... eu ainda não lancei olhos profanos sobre o teu querido Juca.

LAURA - Ah sim? Estás sublime hoje, Rosinha! Mas chegou a ocasião de dizer-te que nesses assuntos de amor, assim como não tens confiança na minha amizade, também tenho o direito de não acreditar nas tuas palavras de agora.

ROSA - Pois muito bem, ficaremos assim.

LAURA - Não. É preciso decidir isto.

ROSA - Decidir o que? Eu não vejo o que de
cidir. Está tudo tão claro... tão positivo!

LAURA - Sei bem que uma rosa não crê em com
bate possível. A vitória é seu privilégio.

ROSA - Oh, minha senhora, por favor! No bai
le fui testemunha dos seus triunfos e não ou
saria lançar-me à frente do seu caminho, para
não ser esmagada pela conquistadora.

LAURA - Ao contrário, senhora. Creia que eu
sei respeitar os direitos de antiguidade.

ROSA - Direitos de antiguidade porque brin
quei com esse moço quando era menina? Ora,
vamos!

LAURA - Para que continuar negando, se eu te
nho certeza de que amas ao senhor Juca?

ROSA - Ah sim?! Mas no entanto, não fui eu
que arranjei faniquitos esta manhã.

LAURA - Arranjar faniquitos! Vejam só. Afirmo-
te que estive seriamente incomodada.

ROSA - Foi pena que não mandasses chamar o
teu estudante de medicina para encarregar-se
do tratamento. Dizem que ele tomou  ito bem
o pulso.

LAURA - Pois olha, eu confesso que me lembrei
disso, mas tive receio de ofender à minha amiga.

ROSA - Que puerilidade! Essas namoradas adivi
nham rivais a cada passo. E ainda que fossem
fundadas as tuas suspeitas, eu te afirmo que
não haveria luta porque eu não me atreveria a
lutar com uma rival de tanto espírito.

LAURA - Não haverá luta, não - dizes bem - por
que... eu cedo.

ROSA - Sei muito bem que um de menos não t
faria grande falta, mas não aceito.

LAURA - Rosa, começa a incomodar-me.

ROSA - Não, Laura, não sou eu que te in-
comodo. Bem tenho observado que, de momen-
to a momento, voltas os olhos para a por-
ta. É que falta aqui alguém com quem con-
tavas. Ele não veio.

LAURA - (irônica) Mas não é possível que
êle deixe de vir a adorar a bela dos seus
pensamentos. Digo-te que não faltará.

ROSA - Tú crês? Mas é tão tarde...

LAURA - Não ha cedo nem tarde para aqueles
que se amam.

ROSA - Qual! Acredita que perdeste a tua
visita. Ele não vem aqui hoje.

LAURA - Oh, se vem!

ROSA - Queres apostar comigo, como fez o
senhor Comendador a teu respeito?

CORTE.

P.A. de JULIANA, IRENE, COMENDADOR e
ANASTÁCIO, num canto da sala.

COMENDADOR - Não lhe parece que as senhoras
dona Rosinha e dona Laura estão a prolongar
demais o seu assunto, privando-nos de suas
graciosas companhias?

JULIANA - Pode o senhor Comendador estar
bem certo de que estão a fazer confidências.
Essas duas quando se encontram, sempre têm
o que contar uma à outra. Também... pudera!
São amigas de longa data e amigas sinceras.
O que uma será capaz de fazer pela outra eu
nem sei.

IRENE - Faz gosto ver uma amizade assim;
não é verdade, senhora dona Juliana?

JULIANA - Por certo. E Laura é uma menina
que não é por ser minha neta, mas dificil-
mente se poderá encontrar outra capaz de
maior dedicação às amigas. Eu muitas vezes
chego a me aborrecer com ela, a senho-
rita?

IRENE - (segunda intenção) Acredito, sim, porque naturalmente a senhora muitas vezes está vendo que a outra não está a merecer tanto.

JULIANA - Pois é, mas aí é que mais se caracteriza a verdadeira amizade. Aceitar a pessoa como ela é e não exigir mais do que ~~ela~~ a capacidade que ela possa ter para retribuir.

COMENDADOR - Isso, senhora dona Juliana, is so! Se todas as senhoras pensassem pela sua cabeça, (segunda intenção) o mundo estaria bem melhor, com menos víboras que fazem da hipocrisia a sua arma predileta.

ANASTACIO - Não vamos atribuir essa praga do mundo apenas às mulheres. Há muitos homens, até mesmo entre os mais respeitáveis, que usam dessa ~~mesa~~ arma com extraordinária habilidade.

IRENE - Muito bem, senhor Anastácio, muito bem. O senhor disse exatamente aquilo que eu estava a pensar. X

JULIANA - Sim, porque as mulheres é que levam a culpa de todas as coisas ruins que acontecem no mundo e embora eu também concorde que, em parte, elas são realmente culpadas de muita coisa, a verdade é que os homens também não ficam isentos de culpa. As maldades que também fazem são sem conta.

COMENDADOR - Concorde, sim, em que eles façam muita coisa errada, senhora dona Juliana, mas se procurar-mos o ponto de partida dessas coisas mal feitas, vamos lá encontrar uma mulher como causa, ou instigadora.

IRENE - Uma coisa muito interessante de notar é que os homens não sabem viver sem falar das mulheres e no entanto, vivem a ~~passar~~ torno delas. Não deviam. A gente deve

IRENE - (CONT.) fugir do mal, não lhe parece, senhora dona Juliana.

JULIANA - Efetivamente, mas acontece que o mal é como o abismo. Tem aquela força que atrai as criaturas e não as deixa fugir. A cobra não atrai o sapo? Ele sabe que vai morrer e no entanto, em vez de fugir, vai submisso para a morte.

COMENDADOR - A senhora dona Juliana é extraordinária de humor e de espírito. É uma grande diplomata. Concordou com a senhora dona Irene, mas teve, ao mesmo tempo, uma palavra de justificativa para a nossa fraqueza, colocando a mulher no lugar da cobra.

ANASTÁCIO - E deixando a mim e ao senhor no lugar do sapo.

RIEM TODOS MUITO ALEGREMENTE.

CORTE

P.M. de MAURICIO, jogando cartas com os figurantes, em silêncio.

ENTRA O PÁGEM COM UMA BANDEIJA E UMA GARRAFA DE VINHODO PORTO. ENCHE OS CÁLICES QUE ESTÃO SOBRE AS MESAS. O ÚLTIMO É O DE MAURICIO.

MAURICIO - A que horas vão servir chá?

PÁGEM - Já era pra tá servindo, meu sinhô, mas a nhãnhã disse que era pra insperá mais um mudo porque parece que ela inda tá esperando mais gente.

MAURICIO - A esta hora não creio que venha mais ninguém. Não sabes a quem mais ela está esperando?

PÁGEM - Num sei, não sinhô. Ela só falô anssim de mais gente mas num disse o nome. O sinhô qué que o nêgo véio vá priguntá pre ela?

MAURICIO - Não, não há necessidade. Se mais ficou de vir, não pode demorar muito. O contrário chegará quando o serão estiver terminado.

PÁGEM - Ah, pois é, sim, sinhô. (P. e T) Quê
mais alguma coisa, patrão?

MAURICIO - Não, Totônio. Podes ir.

PÁGEM - Com sua licença, meu sinhô.

TOTONIO SE RETIRA DE QUADRO. OS HOMENS CON-
TINUAM JOGANDO EM SILENCIO. MAURICIO AO JOGAR:

MAURICIO - A sorte vai e volta, vai e vol-
ta. Numa mesma noite, ela abraça e abandona
meia dúzia de vezes, um pobre infeliz. Pare-
ce até essas pobres rameiras que vivem a
correr para o lado onde há mais dinheiro.

RISOS GENERALIZADOS ENTRE OS JOGADORES.

CORTE

B.M. de JULIANA, IRENE, COMENDADOR e
ANASTÁCIO.

COMENDADOR - Aquelas senhoras já estão a
abusar da nossa paciência; não lhes parece?

ANASTÁCIO - Da minha, não. Elas podem ficar
por lá o tempo que desejarem porque a mim
não estão incomodando.

IRENE - (2ª intenção) É que o senhor se sa-
tisfaz com a nossa companhia, não é senhor
Anastácio? Agora os moços... esses, geral-
mente, acham sempre mais agradável a compa-
nhia das moças.

JULIANA - E convenhamos que não deixam de
ter razão. Que pode uma velha como eu ofe-
recer de interesse a um moço como o Comen-
dador Sancho?

JULIANA PISCA O OLHO PARA IRENE E ANASTÁCIO.

IRENE LEVA A MÃO À BOCA PARA NÃO RIR E ANASTÁ-
CIO SACODE A CABEÇA.

JULIANA - O senhor está desesperado para
tomar parte no assunto delas, não é comen-
dador? Pois eu vou lhe proporcionar uma
oportunidade. Chegue a elas e pergunte à
Laura, de minha parte, se está se sa-
do bem.

COMENDADOR - (radiante) Sim senhora, sim senhora! A senhora é um encanto. Um verdadeiro encanto, senhora dona Juliana. (saíndo)
Eu vou, sim... eu vou...

COMENDADOR SAI DE QUADRO, DIRIGINDO-SE AS MOÇAS

ANASTÁCIO - Velho ridículo!

IRENE - É insuportável esse Comendador. Insuportável.

JULIANA - Cuidado, dona Irene!... Cuidado!... Amanhã ou depois ele se inclina para a senhora e ninguém nos pode afirmar que a senhora não vá pagar pela língua.

IRENE - Credo! Deus me livre e guarde. Eu jamais me casaria com um velho que tem a cabeça fora do lugar. (melosa, olhando para Anastácio que se remexe, desagradado) Prefiro um que seja mais velho, mas que seja perfeitamente equilibrado.

CORTE

P.A. de ROSA, LAURA e COMENDADOR

COMENDADOR - Com que então fizeram uma aposta?

LAURA - Sim. Diz Rosinha que ninguém mais virá tomar parte na reunião desta noite e eu sustento que ainda há de se apresentar aqui um mancebo, ao qual a minha boniteza tributa a amizade mais inocente deste mundo.

ROSA - (2ª intenção) E a quem Laura "não sei porque" aborrece tanto.

COMENDADOR - Ah, sim? E o que apostaram?

LAURA - Si ele vier, perde Rosinha o que ganhou há pouco: o senhor comendador fica com o direito de usar novamente a sua comenda.

COMENDADOR - Ah, muito bem, muito bem. Mas quem é o feliz jovem que é objeto de uma aposta entre tão belas senhoras? Como se chama?

LAURA - (safetando desprezo) Não me lembro bem. Como é mesmo o nome dele, Rosinha?

ROSA - Nem sei como você pode esquecer. Ele tem um nome tão bonito! Chama-se Juca

O COMENDADOR FAZ UMA CARETA DE DESPREZO.
ROSA SORRI E LAURA AFETA COMPLETA INDI-
FERENÇA:

CORTE

P.A. do PÁGEM, na porta que dá
para a rua.

PÁGEM - O sinhô Juca tá aí, Nhãnhã.

CORTE

P.A. de LAURA, ROSA E COMENDADOR.

ROSA com a alegria nos olhos. Lau-
ra, procurando observá-la e Comenda-
dor com expressão de nojo.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSA, com os
olhos brilhando de alegria e súbita-
mente tornando-os quasi rancorosos de
tão sombrios.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

8/1 Graça
12/2

R O S A

Pedido feito
Ornary

ROMANCE DE J.M DE MACEDO,
ADAPTAÇÃO DE ERICO GRAMER

9º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

× ANASTÁCIO..... L.C. Magalhães
× ROSA..... ~~ROSA MARIA~~ *Martine Rey*
× COMENDADOR SANCHÓ..... Júlio Cesar
× DONA IRENE..... ~~Lívia Maria~~ *Ju. Fernandes*
× LAURA..... ~~Martine~~ *Maria Katira*
× JULIANA..... Linda Gay
× PÁGEM..... Nelson Silva
× JUCA..... Gudy Emunds

GENÁRIO:

1º) - A MESMA SALA DO CAPÍTULO ANTERIOR (CASA DE MAURÍCIO)

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

Pag. 1

SLIDES: (Abertura)

AUDIO: PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em P.P. de PÁGEM, junto da
Porta de entrada, anunciando:

PÁGEM - O sinhô Juca tá aí, Nhãnhã.

JUCA SURGE POR DETRAZ DO PÁGEM

JUCA - Onde está o dono da casa?

PÁGEM - (aponta) Tá ali na saleta, jogan
do bisco, sim sinhô.

JUCA SAI DE QUADRO, DIRIGINDO-SE PARA A
SALETA. O PÁGEM SE DIRIGE PARA ROSA.

CORTE

P.A. de ROSA, LAURA e COMENDADOR.

ROSA está com os olhos iluminados
mas ao ver que JUCA foi para lado
contrário, contrai sua fisionomia.

O PÁGEM ENTRA EM CAMPO, DIRIGINDO-SE A ROSA

PÁGEM - Já posso servi o chá, Nhãnhã?

ROSA - (seca) Ainda não. Quando eu quiser
que sirva, avisarei.

O COMENDADOR RETIRA-SE DO GRUPO EM DIREÇÃO
AS SENHORAS. O PÁGEM TAMBÉM SE RETIRA.

LAURA - Se preferes ficar só, para recebê-
lo, eu também me retiro.

ROSA - Não vejo porque hás de retirar-te.
Não tenho nada a dizer-lhe, não o possa
fazer na tua presença. Pelo contrário, co-
mo dona da casa devo ir ao seu encontro e
faço absoluta questão que vás comigo.

CORTE

P.M. de JULIANA, IRENE, ANASTACIO, CO-
MENDADOR E JUCA.

IRENE - Vossa Senhoria é um jovem muito
venturoso.

JUCA - Oh, minha senhora, mesmo que me ti-
vesse sentido infeliz até hoje, bastaria
estar gozando a presença de Vossa Excelên-
cia para, neste momento, considera-
lo toso.

IRENE - (Toda babada) Oh, muito agradecida!

JUCA - Mas poderei saber a razão porque me julga ditoso?

IRENE - É que, segundo acaba de me informar o senhor Comendador, o senhor foi, aqui, objeto de uma aposta entre essas duas moças.

ENTRAM EM CAMPO NESTA OCASIÃO, ROSA E LAURA.

JUCA - Boa noite, gentis senhoras.

JUCA BEIJA A MÃO DAS DUAS, NUMA CURVATURA

JUCA - Mas então é verdade que apostaram por mim? E posso saber o que? Se foi o meu coração quem o ganhou vai suar muito para encontrá-lo.

ROSA - (sorrindo) Ah sim? E por que?

JUCA - (olhando para Laura) Porque faz mais ou menos três anos que fiz presente dele.

ROSA - (desata a rir) Então ficou ôco do lado esquerdo?

JUCA - Não, minha senhora, porque preenchi o lugar que no meu peito me ficara vazio, com a esperança do mais terno amor.

ROSA - Senhor Juca, as esperanças são como as têias de aranha, vê-se, portanto, que o seu peito precisa ser vasculhado.

JUCA - Pois o meu peito está  ramente às ordens de V.Excia.

ROSA - Oh, não, não... eu tenho medo do vácuo.

JUCA - Mas vamos saber da aposta que fizeram, as senhoras, que eu estou curioso.

COMENDADOR - Pois eu vou dizer a razão dessa aposta. Ela foi feita mais para livrar-me do pagamento de uma outra aposta do que...

ROSA - (cortando) Comendador, desculpe interrompê-lo, mas peço-lhe que deixe Laura contar o caso. Teve hoje o seu ataque de nervos e convém que se distraia.

IRENE - (Toda babada) Oh, muito agradecida!

JUCA - Mas poderei saber a razão porque me julga ditoso?

IRENE - É que, segundo acaba de me informar o senhor Comendador, o senhor foi, aqui, objeto de uma aposta entre essas duas moças.

ENTRAM EM CAMPO NESTA OCASIÃO, ROSA E LAURA.

JUCA - Boa noite, gentis senhoras.

JUCA BEIJA A MÃO DAS DUAS, NUMA CURVATURA

JUCA - Mas então é verdade que apostaram por mim? E posso saber o que? Se foi o meu coração quem o ganhou vai suar muito para encontrá-lo.

ROSA - (sorrindo) Ah sim? E por que?

JUCA - (olhando para Laura) Porque faz mais ou menos três anos que fiz presente dele.

ROSA - (desata a rir) Então ficou ôco do lado esquerdo?

JUCA - Não, minha senhora, porque preenchi o lugar que no meu peito me ficara vazio, com a esperança do mais terno amor.

ROSA - Senhor Juca, as esperanças são como as têias de aranha, vê-se, portanto, que o seu peito precisa ser vasculhado.

JUCA - Pois o meu peito está  ramente às ordens de V.Excia.

ROSA - Oh, não, não... eu tenho medo do vácuo.

JUCA - Mas vamos saber da aposta que fizeram as senhoras, que eu estou curioso.

COMENDADOR - Pois eu vou dizer a razão dessa aposta. Ela foi feita mais para livrar-me do pagamento de uma outra aposta do que...

ROSA - (cortando) Comendador, desculpe interrompê-lo, mas peço-lhe que deixe Laura contar o caso. Teve hoje o seu ataque de nervos e convém que se distraia.

JULIANA - Convem, sim. Não fôsse por isso e nem eu teria deixado que ela viesse. Vá mos, minha neta, faça o que Rosinha pediu.

LAURA - Sim, vóvó, fa-lo-ei com sumo prazer. Senhor Juca, o caso é o mais simples do mundo: Rosinha, ha pouco, dizia que não viria mais ninguém à sua reunião e eu apostei como o senhor não deixaria de comparecer a ela. Como vê... andei mais acertada.

JUCA - E por que imaginou a senhora que eu não deixaria de vir? Posso saber?

LAURA - Porque sei, perfeitamente, que não há nada bastante forte para impedir-lhe de visitar as pessoas a quem o senhor "quer bem

JUCA - Julgou com acerto e a prova é que antes de vir aqui, tive a honra de passar pela casa da senhora Dona Juliana.

JULIANA SORRI SATISFEITA COM A VITORIA DA NETA,
ENQUANTO ROSA PROCURA DISSIMULAR SORRINDO O SEU
DESPREITO.

CORTE

P.A. de ANASTACIO dormindo

COMENDADOR - (apontando Anastácio, cochilando com a cabeça pendurada sobre o peito) Mas vejam... vejam o senhor Anastácio...

ROSA ENTRA EM QUADRO E ACORDA O TIO, SACUDINDO-O

ROSA - Tio Anastácio, então que ~~isso?~~ Esqueceu-se que nós estávamos aqui? É preferível que peça licença às senhoras e vá dormir no seu quarto.

ANASTACIO SE LEVANTA, RESMUNGANDO, ZANGADO E
SAI DE QUADRO, NA DIREÇÃO DO INTERIOR DA CASA

IRENE - (projetando) Deus lhe dê muito boas noites, senhor Anastácio.

COMENDADOR - É um bicho intratável.

ROSA - Alto lá, senhor Comendador! Lembre-se de que é a respeito de meu tio que está falando e pelo fato de se ter criado

ROSA - (CONT.) e se rebelar contra certas regras de etiqueta, ninguém poderá, com justiça, duvidar da nobreza de suas qualidades.

COMENDADOR.- (Visivelmente atrapalhado) Perdão, senhora... perdão...

ROSA - E além de tudo isso, meu tio tem, ainda, um grande mérito: mostra ser o que realmente é.

DURANTE ESTA DISCUSSÃO DE ROSA COM O COMENDADOR
LAURA SAIU DE QUADRO E SE COLOCOU PERTO DA JANE
LA.

IRENE - Agora é que a senhora disse uma grande verdade. Ele pode ser rude, mas não esconde o que é.

JULIANA - Eu, por mim, prefiro a rudeza do que a dissimulação. Tenho verdadeiro horror das pessoas que mostram ser uma coisa e são outra, completamente diferente. (2ª intenção) E isso é tão comum, hoje, na nossa sociedade! Tão comum! Por isso é que todo o dia eu procuro incutir no espírito de minha neta que ela deve ser sincera nas coisas que diz e que faz. (A Juca) O senhor está vendo? Ela já dispersou do grupo com receio de ser obrigada a emitir opinião sobre o assunto.

CORTE

P.A. de LAURA, sózinha, junto à janela ou em qualquer outro lugar em que fique separada do grupo.

JUCA ENTRA EM CENA, DIRIGINDO-SE A ELA

JUCA - Cansou-se de nós tão depressa?

LAURA - Que vem fazer aqui?

JUCA - Por que? Desejava, antes que eu não viesse?

LAURA - Pense bem. Dona Rosinha pode não gostar... ofender-se... e o senhor vir a perder a sua felicidade por causa disto.

JUCA - Dona Laura, confesso-lhe que é possível compreendê-la.

LAURA - Pois olhe que de minha parte eu o compreendo perfeitamente. O senhor é homem e basta.

• JUCA - Repito que não entendo o que a senhora quer dizer.

LAURA - Quero dizer que o senhor toma-me para seu divertimento, zomba de mim, como de muitas outras, e que isso é indigno, senhor.

JUCA - A senhora disse que eu zombo? ~~taxxenna~~
~~xxf~~ Mas zombar como?

LAURA - Ora, senhor! Então ache pouco o que fez no baile? E não satisfeito, ainda veio hoje aqui, correndo, visitar dona Rosinha.

JUCA - Eu passei pela sua casa; como a senhora não estava eu imaginei...

LAURA - (cortando) Vai querer que eu acredite que veio aqui por minha causa?

JUCA - A senhora dona Laura não quer raciocinar. Então já esqueceu que, aqui mesmo, há pouco, eu lhe dei a mais sensível preferência?

LAURA - E o senhor pensa que eu não sei o que se é capaz de fazer por causa de um espinho? Eu não sou tão tola que não saiba que às vezes finge-se preferir uma pessoa, para ferir a vaidade de outra.

JUCA - Que quer dizer com isto?

LAURA - Que o senhor ama a dona Rosinha!

JUCA - Juro-lhe que não. Ninguém ama a duas pessoas ao mesmo tempo.

LAURA - Ora! O senhor seria capaz de amar até uma dúzia. E é preciso decidir essa situação o quanto antes. O homem ou a mulher que não tem franqueza e decisão em semelhante matéria é porque não ama bastante ou tem tenção de enganar.

JUCA - Sou do mesmo parecer.

LAURA - Mas então por que não decide

JUCA - Como hei de fazer com que a senhora creia?

LAURA - Prometendo que nunca mais voltará a esta casa.

JUCA - É impossível. Com que pretexto quebrarei os laços de amizade que me ligam ao senhor Maurício? Francamente, dona Laura, a senhora tem umas exigências que só deviam passar pela cabeça de uma moça feia. Será que tem medo das outras por se considerar menos bonita do que elas?.

LAURA - (já vencida, querendo sorrir) Não é por mim que receio. É pela sua volubilidade. Prometa, então, que não virá nenhuma vez a esta casa, sem avisar-me antes.

CORTE ..

P.M. do GRUPO na sala. ROSINHA conver-
sando com o Comendador SANCHO, separa-
dos dos demais. JULIANA E IRENE juntas,

*com tacas de chá e biscoitos na mesinha
que está perto delas. Há um bule também.*

IRENE - O senhor Juca parece-me arrastar a
aza à sua neta, senhora Dona Juliana.

JULIANA - É verdade. Aliás é uma paixão anti-
ga, por parte dele. Faz, mais ou menos, uns
tres anos que êle a procura. Quer dizer...
estive ausente, nesse período, mas nunca
deixou de mandar notícias e agora veio por
causa dela.

IRENE - É um mancebo muito galante; não lhe
parece?

JULIANA - Um pouco extravagante às vezes,
outras vezes bastante mordaz e impiedoso,
mas sendo Laura a maior interessada no assun-
to e gostando dele...

IRENE - É claro... É claro...

JULIANA - É bem verdade que um homem na si-
tuaçào do Comendador Sancho poderia ofere-
cer-lhe maior conforto...

IRENE FAZ UMA CARA DE QUEM ESTÁ ENOJADA.

IRENE - Ora, senhora dona Juliana, por favor! Com esse, até eu, que já não estou mais na idade de escolher, preferia continuar viúva. Casar com esse homem era não casar.

JULIANA - Bem, eu não me refiro a ele, refiro-me à situação que ele pode oferecer à moça que se fizer sua esposa.

IRENE - Com aquele homem, não há o que me entusiasme. E note-se que eu não sou contra o casamento, não. Para a senhora até vou confessar uma coisa que a ninguém disse antes: eu quero me casar segunda vez.

JULIANA - A gente nota

IRENE - É verdade que nota? Não me diga! Por que?

JULIANA - Pelo seu entusiasmo... pela sua constante alegria... pelo brilho dos seus olhos quando escuta um galanteio... pequenas coisas que se refletem ~~na~~ na fisionomia da gente e que trói o que o coração está sentindo.

IRENE - (gargalhadinha nervosa) É isso, sim. É isso!... A senhora dona Juliana é muito ~~per~~ perspicaz. Muito perspicaz.

JULIANA - Sou vivida, senhora dona Irene. E a vida ensina muita coisa à gente. E só prestar a atenção e aprender. (TOM) Bem, mas eu acho que a hora já vai bem adiantada.

ENTRA O PÁGEM COM UMA BANDEIJA GRANDE E
COMEÇA A RECOLHER AS TAÇAS O BUNLE ETC.

JULIANA - Sabe, acaso que horas são, Tôtônio?

PÁGEM - Quasi deiz hora, sá dona Juliana.

JULIANA - Meu Deus, que tarde para irmos as duas por essas ruas escuras!

IRENE - Ora não se preocupe. Naturalmente o senhor Juca se proporá a acompanhá-las e eu vou lhe pedir para aproveitar a companhia, já que vão passar quasi na porta de minha casa.

JULIANA - Mas naturalmente, senhora dona Irene. Não nos custa nada.

AS DUAS SE LEVANTAM PARA SE DESPEDIR.

CORTE

P.A. de JUCA e LAURA, na janela.

LAURA - O senhor desconversou e até agora não prometeu o que eu exigi. Promete que não voltará a esta casa, sem prevenir-me antes?

JUCA - Prometo.

LAURA - Veja bem o que diz.

JUCA - Quer que eu jure?

LAURA - Eu creio menos ainda no juramento de um homem do que na sua palavra.

JUCA - Francamente! A senhora é de um pessimismo tremendo a respeito dos homens. Algum já lhe traiu?

LAURA - Não. Mas sinto que a qualquer momento serei traída por um deles. (TOM) Olhe, minha avó já se levantou para ir embora. Acompanha-nos à casa?

JUCA. OFERECENDO O BRAÇO A LAURA.

JUCA - Com sumo prazer.

QUANDO VÃO SAIR PELA CAMERA, ENTRA ROSA EM CAMPO E SE DIRIJE AOS DOIS, RISONHA E ALEGRE

ROSA - (forçando alegria) Então já nos deixam? Que pena, é tão cedo.

LAURA - Vóvó está à minha espera. Não tenho outro remédio. Adeus, Rosinha.

LAURA DÁ DOIS BEIJOS EM ROSA QUE RETRIBUI A CUSTO.

ROSA - Adeus, Laura. Volta mais vezes a ver-me. Agora já tens um cavalheiro bem agradável para acompanhar-te. (AO JUCA) E o senhor espero que seja assíduo nesta casa. hei de me esforçar para ter sempre às suas ordens uma janela... uma noite de luar... e uma noite bonita que converse bem.

AUDIO - SUFFIXO MUSICAL

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSA